OS RECORDES A SEREM BATIDOS EM 2025 / KINGS LEAGUE

PLACAR

ESPECIAL

ARÁBIA SAUDITA

Como o controverso reino seduziu craques e virou sede da Copa

ENTREVISTA

ROGER MACHADO

OS SONHOS DE UMA MENTE BRILHANTE

DEBATE

NEYMAR NO SANTOS

SORRIREMOS NOVAMENTE?

SCORE Editora

ED. 1520 FEVEREIRO 2025 R$ 19,90

7 893614 113739

ARRASCAETA

O NOVO 10 DA GÁVEA

MAIS

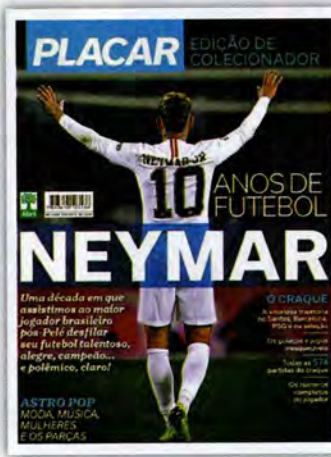
HERNANES / COPINHA / GUERRA NA UCRÂNIA / CINEMA E LITERATURA

PLACAR
PLACAR
DE SEGUNDA A SEXTA, ÀS 18H
NO CANAL OFICIAL DA PLACAR /@PLACARTV

ESCANEIE O QR CODE
E SE INSCREVA NO CANAL

PLACAR

ENTRETENIMENTO GARANTIDO

Acervo: o craque-problema em quatro capas marcantes

A redação já se encaminhava para o fechamento desta edição quando a bombástica notícia partiu de Riade rumo ao coração dos santistas. Neymar Júnior obteve acordo junto ao Al-Hilal e acertou seu retorno ao clube que o projetou, numa das mais comentadas transações da história do Brasil. Como sabemos desde sua estreia como profissional em 2009, tudo que envolve a carreira (e a vida) do craque segue um roteiro hiperbólico. Naturalmente, a volta do eterno menino da Vila Belmiro é um dos temas abordados na revista que você tem em mãos, e já é fácil prever que novas polêmicas virão.

Neymar protagonizou, com os mais variados penteados, dezenas de capas de PLACAR. A mais controversa foi a edição de outubro de 2012, em que o atacante de corte moicano aparecia crucificado em ilustração que gerou protestos de associações religiosas. "O melhor jogador brasileiro, estigmatizado pelo rótulo de cai-cai, enfrenta um linchamento hipócrita e demagógico em um esporte que estimula a vitória a qualquer preço", dizia trecho do texto assinado por Breiller Pires.

Em recente visita à Editora Score, o ex-diretor de redação Sérgio Xavier Filho defendeu a escolha da época. "O termo crucificação extrapolou o religioso, é o ato de 'pegar alguém para Cristo', no sentido de agressividade, de escolher um vilão", explicou, em papo disponível na PLACAR TV. Dez anos depois, às vésperas da Copa do Mundo de 2022, a revista usou fórmula semelhante, ao apresentar o craque atingido por flechas tal qual São Sebastião, mártir cristão eternizado em pintura de Sandro Botticelli. Tratava-se de uma releitura da capa da revista *Esquire* de 1968, em que o maior dos pugilistas, Muhammad Ali, aparecia alvejado.

Perto de completar 55 anos, PLACAR tem em seu DNA a defesa do talento. Amamos os craques, sejam eles boas-praças como Zico ou Messi ou rebeldes como Maradona, Romário... e Neymar. Ele é marrento, cai-cai, se lesiona muito e não se cansa de tomar decisões equivocadas, é verdade. Mas como joga bola! Em alguns casos, a revista se excedeu, como quando cravou um "Te cuida, Messi!", apostando que o brasileiro poderia superar o argentino, ou quando elegeu Neymar como o maior jogador do país pós-Pelé. Ainda que caiba discussão sobre qualidade técnica, a falta de uma Copa no currículo encerra o debate – ao menos por ora.

O astro de 33 anos decidiu retornar à Baixada Santista com o objetivo de recuperar a forma física – e, de quebra, receber o carinho da torcida que mais o amou – para chegar na ponta dos cascos ao Mundial de 2026. Os problemas físicos desautorizam maior otimismo, mas seguimos com fé. A única certeza agora é que Neymar arrastará uma multidão de fãs (e haters) e dará o que falar em sua estadia de ao menos seis meses na terra natal.

Da mesma Arábia Saudita que não sentirá saudades de Neymar vem a reportagem especial desta edição. O repórter Enrico Benevenutti e o fotógrafo Alexandre Battibugli viajaram a Jeddah e Riade para entender como o

CAPA: ARRASCAETA (FC SERIES / DIVULGAÇÃO); CRISTIANO RONALDO (ALEXANDRE BATTIBUGLI); ROGER MACHADO (DIEGO VARA) E NEYMAR (FERNANDA LUZ / AG. PAULISTÃO)

país conseguiu atrair estrelas do calibre de Cristiano Ronaldo e se tornar sede da Copa de 2034. "É uma quebra de paradigma. Para além de todos os problemas e graves denúncias, a visível abertura do país ilumina uma cultura rica e apaixonada por futebol, que mistura tradição e modernidade. Há vida no deserto", diz Benevenutti, que também assina outra saborosa matéria com contornos geopolíticos, sobre o futebol na Ucrânia em meio à guerra com a Rússia. ■

ERRATA

*PLACAR abriu 2025 com a aguardada edição **Meu Time dos Sonhos**, na qual um júri de 260 personalidades apontou a equipe ideal dos 12 grandes clubes do país. Entre os milhares de dados compilados, não foi possível evitar alguns erros, fossem eles de informação, de contagem dos votos ou digitação – felizmente, nada que tenha alterado a seleção final. Pedimos desculpas aos leitores e aos jurados afetados. As correções estão em nosso site:* ***https://placar.com.br/placar/errata-time-dos-sonhos/***

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Choque cultural: Benevenutti entre torcedores do Al-Nassr

revistaplacar
@placartv
@placar
placar.com.br
contato@placar.com.br

ÍNDICE

PLACAR

A marca PLACAR é licenciada pela Editora Score Ltda. e produzida pela Editora Abril

Publisher: Alan Zelazo

CEO: Alexandre Antunes
Consultor: Gustavo Leme
Redator-chefe: Luiz Felipe Castro
Editor de Fotografia: Alexandre Battibugli
Editor de Arte: LE Ratto
Repórteres: André Avelar, Enrico Benevenutti, Klaus Richmond e Rodolfo Rodrigues
Diretor Comercial: Sandro Santos
Diretora de Marketing: Patrícia Vidal
Planejamento: Guilherme Fortis
Mídias Sociais: Bruno de Giovanni, Jéssica Gomes, Jéssica Souza, Marcio Komesu e Mariana Denegri
Estagiários: Guilherme Azevedo e Helo Vasilian
Revisão: Renato Bacci
Equipe de vídeo: João Vítor Fagá e Marcelo "Celu" Lima

Colaboraram com esta edição:
Anselmo Cunha (vídeo), Diego Vara (fotografia), Gabriel Reis (texto) e Kaio Lakaio (pesquisa de fotos)

Redação e Correspondência:
Av. Magalhães de Castro, 4800 - Torre Continental, 9º andar Cidade Jardim, São Paulo (SP), CEP 05676-120

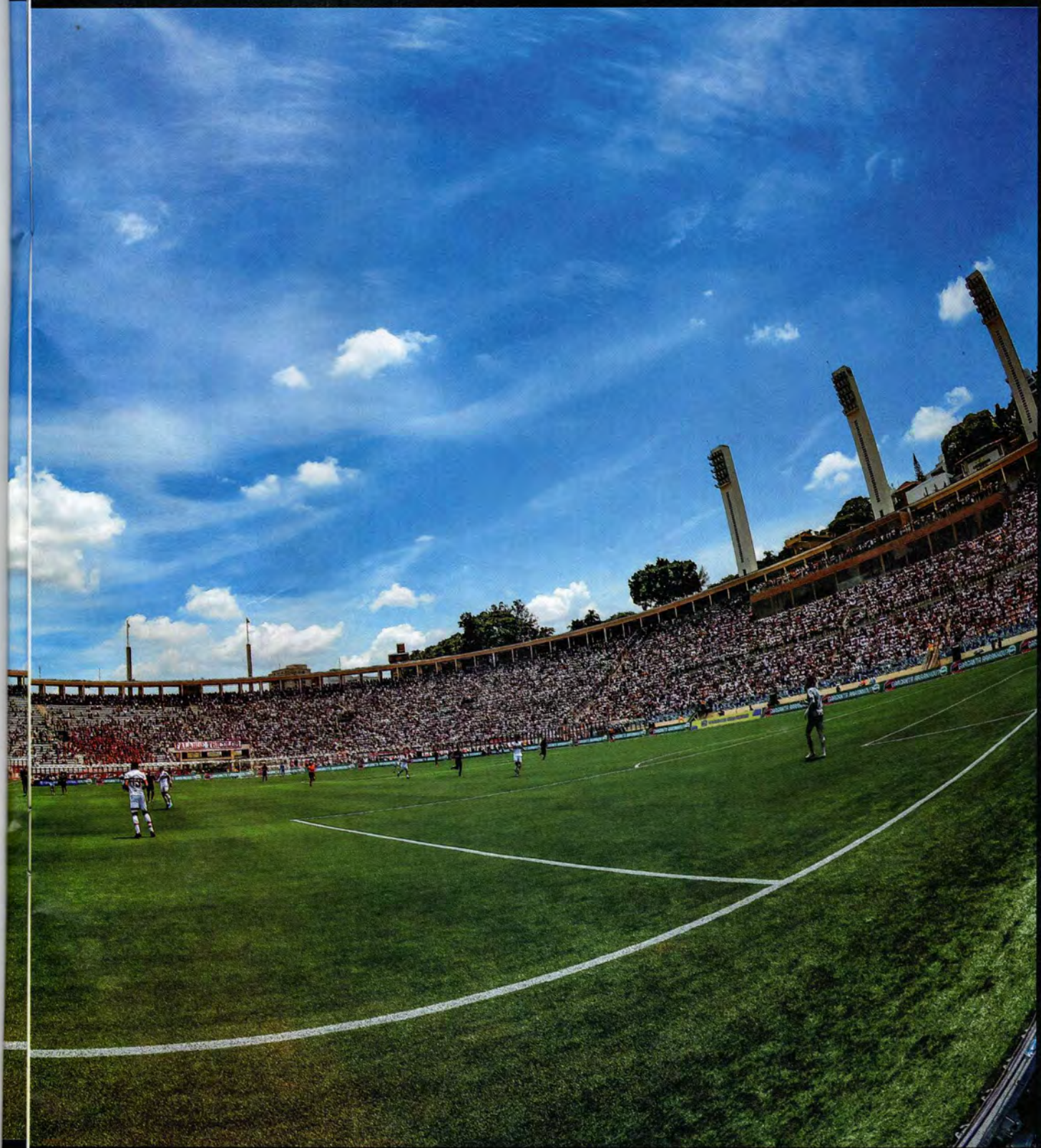
PLACAR 1520 (EAN: 789.3614.11373-9), ano 54, é uma publicação mensal da Editora Score. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

'ARENIZADO', MAS AINDA PACAEMBU

O sistema de som deu as boas-vindas na manhã quente de 25 de janeiro, no aniversário de 471 anos da cidade de São Paulo, para a final da Copinha brindada com um majestoso São Paulo x Corinthians (3 a 2). Se alguém ainda não tinha percebido entre um resto de obra e outro, "o seu, o meu, o nosso Pacaembu" foi vendido para a iniciativa privada e ganhou um *naming right* que pode chegar a R$ 1 bilhão em 30 anos. Por isso, o locutor Edson Sorriso, que também é compositor do Carnaval paulista, bem que caprichou, mas naturalmente faltou harmonia para anunciar a "Mercado Livre Arena Pacaembu" nos alto-falantes.

"Arenizado" depois de cinco anos de obra – entregue com atraso e graças a um alvará provisório –, com uma reforma estipulada em R$ 800 milhões, o estádio manteve a estrutura principal em "U" e sua icônica fachada. A demolição do Tobogã, que na década de 1970 substituiu a Concha Acústica, causa impacto visual e no espetáculo como um todo, apesar dos 20 000 ingressos vendidos e da festa tricolor. Da mesma forma, o gramado, agora sintético, não passa despercebido. Em compasso com as modernizações, os sorvetes são gourmetizados e o copo de água de 300 ml custa R$ 8. De resto, está tudo ali. O tempo cuidará de devolver a aura de estádio mais querido da capital.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

FOTOS GILVAN DE SOUZA / FLAMENGO

TEMPESTADE RUBRO-NEGRA

Não dá para dizer que Bruno Henrique só não fez chover na Supercopa Rei, pois o triunfo do Flamengo sobre Botafogo por 3 a 1 no último dia 2 teve de ser interrompido em razão da tempestade que abateu o Mangueirão, em Belém. Tudo era motivo para festa na capital paraense. Durante uma hora e 12 minutos de paralisação, os mais de 42 000 presentes "torceram" pelos chutes do árbitro Ramón Abatti Abel, que realizava os testes de drenagem. Com jogo valendo, Bruno Henrique fincou ainda mais seu nome na história rubro-negra com dois tentos, um de pênalti e outro em um golaço de fora da área, pegando de primeira, lance de craque. Coroado o melhor jogador da decisão que opõe o último campeão brasileiro ao da Copa do Brasil – e homenageia o Rei Pelé –, BH se tornou, ao lado de Arrascaeta, o maior vencedor de títulos do Flamengo em todos os tempos (14 taças), superando lendas como Zico, Júnior e Gabigol. Luiz Araújo ampliou com uma bela cavadinha, e Patrick de Paula fez o de honra do Glorioso. Campeão também em 2020 e 2021, o Flamengo é o maior vencedor da Supercopa do Brasil e se isolou como o clube brasileiro com mais títulos conquistados no século 21 (26 no total) – a lista completa está no blog de Rodolfo Rodrigues, em nosso site.

PERFIL

É O CAMISA 10 DA GÁVEA

DE GRINGO TÍMIDO A CRAQUE DEBOCHADO. COMO O URUGUAIO GIORGIAN DE ARRASCAETA AMADURECEU SEU JOGO E SUA PERSONALIDADE NO FLAMENGO PARA, AOS 30 ANOS, SE CONSOLIDAR COMO O GRANDE LÍDER DA NAÇÃO RUBRO-NEGRA

Gabriel Reis (Paparazzo Rubro-Negro), de Gainesville, EUA
Design: LE Ratto

FC SERIES/DIVULGAÇÃO

Novas responsabilidades: o maestro já com o manto que será usado na temporada 2025

PERFIL

De Nuevo Berlín, uma pequena cidade uruguaia de 2 500 habitantes, a 400 km da capital Montevidéu, assim batizada em razão dos assentamentos montados por fazendeiros alemães às margens do Rio Negro, vem um dos grandes craques da história do futebol brasileiro. Giorgian de Arrascaeta já havia brilhado intensamente pelo Cruzeiro antes de se firmar como um ídolo eterno do Flamengo, a partir de 2019. Seis anos depois, ele inaugura uma nova fase, repleta de responsabilidade: com o auxílio de livros, terapia e plenamente adaptado ao jeito carioca de encarar a vida, "Arraxca" deixou a timidez de lado e está pronto para assumir a emblemática camisa 10 de Zico.

Com a conturbada saída do amigo Gabriel Barbosa, o Gabigol, que já havia perdido o número dos diferenciados antes do fim de seu contrato como punição por ter vestido o uniforme do Corinthians em um churrasco, entre outros episódios de indisciplina, a passagem de bastão para Arrascaeta era algo natural. Aos 30 anos, ele sabe o peso que carrega – e que outros, como o próprio Gabigol, não suportaram. "É um privilégio e uma honra poder vestir essa camisa, pelos jogadores que a usaram, especialmente nosso máximo ídolo, Zico", afirmou, em Gainesville, nos Estados Unidos, durante a FC Series, antiga Flórida Cup, torneio de pré-temporada em que foi preservado para aprimorar a forma física. "Para mim é uma motivação extra. Ao longo da minha carreira, sempre usei a 10, nos clubes e na seleção, é um número que sempre gostei."

De Arrascaeta chegou ao Flamengo como a transferência mais cara da história do futebol brasileiro até então, com o clube carioca desembolsando cerca de R$ 63 milhões para tirá-lo do Cruzeiro. Apesar do ótimo rendimento do meia no bicampeonato da Copa do Brasil pela Raposa, o alto valor e sua personalidade introspectiva levantaram dúvidas, até mesmo entre amigos. "Ele é muito tímido, e isso pode atrapalhá-lo no Flamengo", chegou a dizer Thiago Neves, seu colega nos tempos de Belo Horizonte. O camisa 14, no entanto, falou pouco, mas bonito, em sua

OS ÚLTIMOS 10 CAMISAS 10 DO MENGÃO

ARRASCAETA QUER REPETIR SUCESSO DE DIEGO RIBAS, PETKOVIC E OUTROS MAESTROS

2023-2024
GABIGOL
308 JOGOS / 161 GOLS / 13 TÍTULOS*

2018-2022
DIEGO RIBAS
289 JOGOS / 44 GOLS / 12 TÍTULOS

2015-2017
ÉDERSON
39 JOGOS / 4 GOLS / 1 TÍTULO

2014
LUCAS MUGNI
51 JOGOS / 5 GOLS / 1 TÍTULO

2013
GABRIEL
214 JOGOS / 23 GOLS / 3 TÍTULOS

2013
CARLOS EDUARDO
49 JOGOS / 1 GOL / 2 TÍTULOS

2013
NIXON
71 JOGOS / 14 GOLS / 2 TÍTULOS

2011-2012
RONALDINHO GAÚCHO
74 JOGOS / 28 GOLS / 1 TÍTULO

2010
PETKOVIC
198 JOGOS / 57 GOLS / 4 TÍTULOS

2009-2010
ADRIANO
94 JOGOS / 46 GOLS / 4 TÍTULOS

*Vestindo a camisa 10, Gabigol somou 72 jogos, 22 gols e 1 título

GIORGIAN DANIEL DE ARRASCAETA BENEDETTI

NUEVO BERLÍN (URUGUAI)
1/6/1994 (30 ANOS)
MEIO-CAMPISTA

DEFENSOR-URU

2012-2014
65 jogos
18 gols
17 assistências

CRUZEIRO

2015-2018
186 jogos
49 gols
24 assistências
3 títulos: Copa do Brasil (2017 e 2018) e Campeonato Mineiro (2018)

FLAMENGO

desde 2019
293 jogos
73 gols
93 assistências
14 títulos: Copa Libertadores (2019 e 2022), Brasileirão (2019 e 2020), Copa do Brasil (2022 e 2024), Recopa Sul-Americana (2020), Supercopa do Brasil (2020, 2021 e 2025) e Carioca (2019, 2020, 2021 e 2024)

SELEÇÃO URUGUAIA

desde 2014
53 jogos
10 gols
7 assistências

chegada. "O desafio é ganharmos tudo", avisou, em tom premonitório, naquele 14 de janeiro de 2019.

No início, sob o comando do técnico Abel Braga, Arrascaeta enfrentou desafios para se firmar na equipe titular, sendo frequentemente barrado. Sua postura discreta contrastava com a expectativa da torcida, que ansiava por vê-lo brilhar em campo. Abel tentava explicar o inexplicável: "O que falta ou não falta (para Arrascaeta ser titular) vai ficar sempre comigo. Só uma coisa que tem que ficar clara: o Flamengo é escalado de dentro para fora". O treinador, que preferia reforçar o meio com os volantes Arão ou Cuellar, alegava, usando um termo pejorativo, que o Flamengo não poderia ser um "time de índio, que só joga para a frente." Nas arquibancadas (e nas redes sociais), ecoava o cântico de revolta: "Bota o Arrascaeta nessa porra!", grito que ajudou a abreviar a passagem de Abelão.

Em contrapartida, logo que chegou ao Mais Querido, em agosto de 2019, o português Jorge Jesus não poupou elogios a seu maestro. "Se precisar, o Arrascaeta chega às 8 da manhã e vai embora às 10 da noite para fazer toda a recuperação. Grande profissional, tem um talento que surpreende. É um jogador que pensa antecipadamente no que vai fazer ou pensa mais rápido que os outros." Na época, o "Mister" chegou a comparar Arrascaeta a Pablo Aimar, craque argentino com quem trabalhou no Benfica. "Antes de a bola chegar, Aimar já sabia o que fazer com ela, jogava de costas, como se pudesse ver. Quando tinha a bola, ele era um pensador de jogo acima do normal. Temos um jogador assim aqui." Ou seja, descreveu perfeitamente o que diferencia um bom jogador de um autêntico 10.

Sob a batuta de Jesus, Arrascaeta se entendeu à perfeição com Everton Ribeiro, Gabigol e Bruno Henrique. Com a bola no pé, o meia de rara visão de jogo e ótima chegada à área nunca fugiu do papel de protagonista, o que ficou claro nas conquistas do Brasileirão e da Libertadores de 2019 – e em mais 12 desde então *(ver tabela ao lado)*.

GILVAN DE SOUZA / CRF

Pé-direito: Arrasca estreou com a 10 no triunfo por 2 a 0 sobre o Volta Redonda

"O QUE FOI FEITO FICOU PARA TRÁS, VEJO COMO MAIS UM DESAFIO. QUERO CONQUISTAR COISAS IMPORTANTES COM A CAMISA 10"

Com 14 taças no total, marca obtida com a terceira Supercopa do Brasil diante do Botafogo, ele é, ao lado de Bruno Henrique, o recordista de títulos da história do Mengão, à frente de Zico, Júnior e Gabigol. O jogador formado no modesto Defensor, de seu país, no entanto, não se contenta com os feitos que já fazem dele um dos maiores estrangeiros da história do Flamengo, senão o maior, em disputa com o sérvio Dejan Petkovic e com o argentino Doval. "O que foi feito já ficou para trás, vejo isso como mais um desafio. Quero conquistar coisas importantes agora com a camisa 10."

O filho mais famoso de Nueva Berlín, com duas Copas do Mundo (2018 e 2022) disputadas pela seleção uruguaia no currículo, passou por uma verdadeira metamorfose em solo carioca. Se as propostas de gigantes europeus não chegaram, por que não desfrutar das maravilhas que o Rio e a maior torcida do planeta podem oferecer? Os cabelos castanhos naturais deram lugar a moicanos platinados. O funk e o sertanejo entraram de vez em sua playlist. Entre uma taça e outra, a estrela rubro-negra teve momentos mais dispersos na noite carioca, mas reencontrou seu rumo após reconciliação com Camila Bastiani, namorada desde a infância, com quem se casou recentemente. O craque de passes açucarados também ataca de confeiteiro fora dos gramados. Junto da amada, tem uma loja especializada em doces na zona oeste do Rio. A esposa ainda o ajudou a pegar gosto pelos livros e a se abrir na terapia, o que, segundo ele próprio, o ajudou a assumir um papel de liderança.

"A terapia é muito importante, não só para o jogador, assim como a leitura. No meu canal coloco trecho dos livros que estou lendo, é importante para todo mundo. Para sermos melhores pessoas, vermos o mundo de outra forma, as coisas simples. Desde que comecei a fazer isso com minha esposa, me sinto melhor, mais solto, mais livre, e essa energia tem que contagiar." Uma das últimas leituras de Arrasca foi *Hábitos Atômicos: um Método Fácil e Comprovado de Criar Bons Hábitos e se Livrar dos Maus*, de James Clear. "É um livro muito interessante que fala sobre criar novos hábitos, pois a gente sempre acaba voltando para hábitos ruins. Tem que ser uma rotina, tem que ser todo dia. Não pode falar que vai começar amanhã, tem que começar na hora. À medida que você começa a ler, sua mente adquire coisas importantes."

Mais solto e confiante, Arrascaeta incorporou de vez o apelido que ganhou do narrador João

GILVAN DE SOUZA / CRF

INSTAGRAM/REPRODUÇÃO

Reino do chimarrão: Arrasca com os colegas uruguaios e a amada Camila

COM A BÊNÇÃO DO REI ARTHUR

ZICO, O MAIOR DOS CAMISAS 10 RUBRO-NEGROS, EXALTA A QUALIDADE DO MEIO URUGUAIO

GILVAN DE SOUZA / CRF

"Zico, você abençoa o novo camisa 10?", questiona um dos jornalistas presentes à 20ª edição do Jogo das Estrelas do eterno rei da Gávea, no Maracanã. "Pô, eu respondo essa pergunta todo ano, cada ano muda. Fiquei 20 anos com ela [a camisa 10] e não larguei", rebate Arthur Antunes Coimba, de bermuda e sem camisa, com o bom humor peculiar.

Em seguida, vem o justo reconhecimento. "O Arrascaeta pode jogar com qualquer camisa. Pelo que ele já fez, e pelo que está fazendo. É um jogador excepcional, com uma qualidade fantástica. É quem cria as melhores jogadas para o time. E tomara que seja feliz", diz o Galinho, antes de uma avaliação tática. "Agora que ele está jogando mais na posição de 10. Antes ele jogava um pouquinho aberto, e o Flamengo jogava praticamente sem um 10. Era ele puxando e armando por um lado, o Everton Ribeiro pelo outro, lá na frente o Bruno Henrique com o Gabigol, com Arão e o Gerson atrás. Depois que veio o Dorival [Júnior], ele ficou mais ali naquele meio, com o João Gomes atuando mais pelo lado esquerdo. Hoje é um 10", prosseguiu o autor de 508 gols pelo Mengão, citando outros meias com essas características, como Alan Patrick (Internacional), Eduardo (Cruzeiro), Garro (Corinthians) e Payet (Vasco). "Infelizmente, hoje, os esquemas táticos prevalecem mais do que a capacidade do jogador. Na minha época, era igual no basquete. Na última bola, você sabe quem vai ter que decidir." Outro a dar a bênção foi Diego Ribas, dono da 10 entre 2018 e 2022. "É um craque, [a camisa] está em boas mãos. O Arrasca é um cara sensacional que respeita e entende o clube, um jogador superdecisivo e profissional, sobram elogios. Vai ser bonito vê-lo com a camisa 10, que seja muito feliz", disse o meia aposentado, durante a despedida de Adriano Imperador, outro herdeiro do manto sagrado.

Guilherme no jogo mais importante de sua carreira. "O 'debochado' nasce na final da Libertadores contra o River Plate, no gol de empate em que ele dá um passe deitado para Gabigol. Nesse momento, eu disse que ele era um deboche. Com a sequência de jogos, comecei a chamá-lo de debochado, e virou um dos bordões que mais pegaram, inclusive o próprio Arrascaeta gosta e posta sobre isso", conta o jornalista da Paramount. Outro fator que ajudou o outrora retraído atleta a se libertar foi o chamado Reino do Chimarrão. Os compatriotas Varela, De La Cruz e Viña – e a indefectível garrafa térmica com erva-mate – são companhias inseparáveis. Durante a viagem para os Estados Unidos, o 10 da Gávea sentiu a falta de sua dupla no carteado. "Estou devendo alguns perfumes para De La Cruz e Varela, porque joguei com Alcaraz e Rossi [como parceiros], mas o truco argentino é diferente do uruguaio. Estou ensinando a eles, mas está difícil. Estou com saudades do Viña."

Brincadeiras de concentração à parte, o técnico Filipe Luís, que tantas vezes tabelou em campo com Arrasca pelo lado esquerdo, não se cansa de exaltar seu craque. "É muito bonito acompanhar o Arrascaeta com a camisa 10 do Flamengo. É um jogador que merece muito esse número. Ele é o nosso craque, tem história e merece isso. Além disso, o Arrascaeta tem o aval do Zico, que é o mais importante", afirmou Felipinho, como é chamado pelos remanescentes da turma de 2019, após a estreia do uruguaio com o manto de Zico, um triunfo por 2 a 0 sobre o Volta Redonda, no Mané Garrincha, em Brasília.

Além da classe em campo, o meia que na infância era torcedor fanático do Peñarol e tinha como ídolo o meia-atacante Antonio Pacheco é constantemente elogiado por seu comprometimento e por encarnar a famosa *garra charrúa* sempre que necessário. "Desde que eu cheguei aqui, o Arrasca está jogando em pleno sacrifício. Suor e sangue pelo Flamengo. Admiro muito esse tipo de jogador que tolera a dor e vai para o sacrifício", avaliou Filipe Luís, após o título da última Copa do Brasil. "Um jogador que precisa passar por uma cirurgia, e está aqui deixando o joelho em campo pelo Flamengo. Talvez ele pague o preço daqui a uns anos, mas coloca o Flamengo acima de tudo, isso é muito louvável." Um camisa 10 que fala com gols, assistências e atitude. ■

DEBATE

ELE FOI, MAS VOLTOU

Por: Klaus Richmond,
de Santos (SP)
Design: LE Ratto

NEYMAR CUMPRIU A PROMESSA FEITA HÁ 12 ANOS E RETORNOU AO SANTOS SOB CLIMA DE EUFORIA E ESPERANÇA DE QUE POSSA SE RECUPERAR FISICAMENTE PARA BRILHAR NA COPA DE 2026. CARINHO, COMO SE VIU NO REENCONTRO COM A VILA BELMIRO, NÃO VAI FALTAR. DÁ PARA CONFIAR NA REDENÇÃO DO ETERNO MENINO?

"Olê, olê, olê, olá; Neymar, Neymar." Doze anos depois, a Vila Belmiro voltou a pulsar em exaltação ao maior talento revelado pelo Santos Futebol Clube desde Pelé. O astro não conteve as lágrimas, fez juras de amor e emanou confiança neste capítulo que ele próprio admitiu não vislumbrar até pouco tempo atrás. "É um dia muito especial para mim. Vivemos muitos momentos felizes aqui e tenho certeza de que ainda temos muita coisa para viver. Se depender de mim, do amor e carinho que eu tenho por esse clube, não vai faltar força, determinação, fé e, obviamente, muita ousadia", discursou, com a voz embargada.

A intensa chuva não atrapalhou a festa, que contou com diversas atrações musicais como Mc Bin, Supla, Mano Brown e Projota. Próximo das 20h daquele 31 de janeiro, Neymar subiu ao gramado com a camisa 10 que recebeu das mãos de Edinho, filho de Pelé, e usando na cabeça a faixa branca com mensagem religiosa que utilizava na infância, no Gremetal, time de futsal da cidade, e na Portuguesa Santista, onde foi descoberto pelos olheiros do alvinegro, com apenas 11 anos.

Neymar está voltando às origens e, depois de uma saída turbulenta da Vila para o Barcelona em 2013, somada a duas transações para lá de contestáveis – do Barcelona para o PSG e do clube francês para o Al-Hilal –, escolheu a camisa com a qual se sentiu mais livre para expressar sua forma de ser e jogar. Nas redes sociais, o #NeyDay foi celebrado até por torcedores rivais. Alguns até se tornaram sócios do Peixe para poder acompanhá-lo mais de perto. A badalação lembra a de outros retornos icônicos, como de Romário e Ronaldo, mas nem todos foram um sucesso (*como mostra o quadro na página 19*).

"Confesso que no começo de janeiro ainda não imaginava [retornar]. Estava muito feliz no Al-Hilal, adaptado. [...] Comecei a me entristecer e surgiu a possibilidade de voltar. Comuniquei meu pai e aconteceu. Estou de volta, com energia renovada, me sinto com 17 anos de novo,

De lavar a alma: festa na Vila Belmiro teve tempestade e lágrimas de emoção do ídolo e de seus fãs

RAUL BARETTA / SANTOS

entusiasmado", disse, com um brilho no olhar que há muito não se via. Neymar sorriu, chorou e demonstrou plena confiança na redenção, mas ainda ecoam entre os mais céticos as palavras de Jorge Jesus, técnico no Al-Hilal. "É um jogador que não deixa dúvidas a ninguém, top mundial, mas a verdade é que fisicamente não tem conseguido acompanhar o time", disse o português. Pelos lados de Riade, atrapalhado pela grave lesão no joelho em outubro de 2023, fez apenas sete jogos e um gol.

Verdade seja dita: assim como em sua saída do PSG, Neymar não tinha tantas opções. Sem mercado na elite europeia ou um avanço com o Inter Miami para jogar com os amigos Messi e Suárez nos Estados Unidos, seu estafe passou a considerar o Brasil. Em entrevista ao canal de Romário, o atacante chegou a dizer que, caso recebesse propostas de Flamengo e Santos, teria de eleger entre a "razão e coração". O Rubro-Negro não se animou com o flerte nem com a possibilidade de contar com o craque por apenas seis meses. O caminho sentimental estava aberto.

Em situação financeira delicada após jogar a Série B e sem poder competir com os petrodólares sauditas, o Santos fez o que pôde: apelou para o emocional. Até mesmo uma narração na voz de Pelé, gerada por IA, clamando por seu retorno, foi usada. A ação (de gosto duvidoso) desagradou alguns familiares do Rei, mas sensibilizou a família Silva Santos. Dias depois, o Peixe divulgou um vídeo, este com narração humana, em que Neymar "respondia" a mensagem. "Rei Pelé, o seu pedido é uma ordem. O trono e a coroa continuarão sendo seus, você é eterno. Mas a 10, ah, vai ser uma honra vestir esse manto sagrado que representa tanto para o Santos e para o mundo. Prometo fazer de tudo para continuar honrando seu legado, Rei. Eu vou, mas eu volto. Vocês se lembram, né? Pois bem... O Príncipe está de volta!", afirmou Neymar, lembrando a cena em que escreveu no armário da Vila que voltaria, seguido da infantil hashtag #Toiss.

Um aspecto chamou atenção em sua apresentação. Aos 33 anos, o eterno "menino Ney" pareceu falar pela primeira vez com a firmeza de um adulto, pai de três filhos – e com um quarto a caminho. Presentes na festa, a namorada Bruna Biancardi e a filha Mavie são apontadas como as responsáveis pelo amadurecimento tardio do craque. Até mesmo seu endereço será diferente. Apesar de ter uma casa no condomínio Jardim Acapulco, no Guarujá, Neymar preferiu o sossego de uma mansão no morro Santa Teresinha, região que já teve Pelé e Jorge Sampaoli como moradores ilustres. Localizado a cerca de 15 minutos do CT Rei Pelé, o local dará mais tranquilidade ao atleta popstar.

A escolha pelo Santos passou, sim, pelo coração, mas não se engane: há muita grana envolvida. Foi acordado um salário fixo na casa de R$ 1 milhão, e mais variáveis que podem chegar a R$10 milhões, segundo o jornalista André Hernan. Literalmente assim que pisou o solo nacional, Neymar realizou uma ação de marketing. Até mesmo o amigo e agora rival esportivo Memphis Depay, estrela holandesa do Corinthians, lhe deu as boas-vindas em outra divulgação, da

Fiasco: Neymar fez apenas sete jogos pelo Al-Hilal e deixou o clube saudita magoado com Jorge Jesus

NEY MAR DA SILVA SANTOS JÚNIOR

MOGI DAS CRUZES-SP
5/2/1992
33 ANOS
MEIA-ATACANTE

SANTOS
2009-2013
Jogos: 225
Gols: 136
Títulos: 6

BARCELONA
2013-2017
Jogos: 106
Gols: 105
Títulos: 8

PSG
2017-2023
Jogos: 173
Gols: 118
Títulos: 13

AL-HILAL
2023-2025
Jogos: 7
Gols: 1
Títulos: 1

SELEÇÃO BRASILEIRA
2010-2023
Jogos: 128
Gols: 79
Títulos: 1*

*Além da Copa das Confederações 2013, conquistou a Olimpíada do Rio-2016, que não entra em contagens oficiais

O RETORNO DOS CRAQUES

NEM TODAS AS VOLTAS DOS TRINTÕES BONS DE BOLA RESULTARAM EM GOLS E TAÇAS

SÓCRATES
FLAMENGO
1985 / 32 anos
🏆 Carioca (1986)
Jogos: 13 / Gols: 3

ZICO
FLAMENGO
1985 / 32 anos
🏆 Carioca (1986)
Brasileiro (1987)
Jogos: 74 / Gols: 23

RICARDO BELIEL
RENATO PIZZUTTO

RONALDO FENÔMENO
CORINTHIANS
2009 / 32 anos
🏆 Copa do Brasil (2009)
Paulista (2009)
Jogos: 69
Gols: 35

SERGIO BEREZOVSKI
PAULO ROBERTO FALCÃO
SÃO PAULO
1985 / 31 anos
🏆 Paulista (1985)
Jogos: 15 / Gols: 1

SERGIO MORAES
ROMÁRIO
FLAMENGO
1995 / 29 anos
🏆 Carioca (1996)
Jogos: 79
Gols: 68

EUGENIO SÁVIO
RIVALDO
CRUZEIRO
2003 / 31 anos
🏆 -
Jogos: 10
Gols: 2

RENATO PIZZUTTO
RONALDINHO GAÚCHO
FLAMENGO
2010 / 30 anos
🏆 Carioca (2011)
Jogos: 72
Gols: 28

RENATO PIZZUTTO
KAKÁ
SÃO PAULO
2014 / 32 anos
🏆 -
Jogos: 24
Gols: 3

NEYMAR DEMONSTROU PLENA CONFIANÇA, MAS AINDA ECOAM ENTRE OS MAIS CÉTICOS AS PALAVRAS DE JORGE JESUS

fornecedora pessoal de ambos.

O craque tem uma estratégia de carreira bem definida. Quer impressionar no Brasil para receber uma proposta de um gigante europeu na janela de verão – a amigos próximos, não esconde a preferência pelo Barcelona. O Inter Miami ainda é outra opção. Por isso, a imersão de cinco meses no caótico calendário brasileiro será para ele o perfeito termômetro do que o corpo ainda pode suportar – já que não faz mais do que 31 jogos em uma temporada desde a primeira que disputou pelo PSG, em 2017/18. Neymar arrisca um *all in*, como em um bom pôquer, jogo de que virou entusiasta.

Do lado do Peixe, a esperança é cobri-lo de amor e convencê-lo a ampliar o vínculo. "Foi um casamento perfeito, um momento que era inimaginável para ambas as partes e aconteceu. Então resolvemos fazer um contrato de seis meses que obviamente pode ser prolongado, não sabemos o dia de amanhã", despistou. O pai, que apontou como peça fundamental para convencer os sauditas da liberação, ainda corre atrás de jogadores para ajudá-lo na missão: "O telefone dele está trabalhando muito, o meu está off. Nesse quesito, quando me perguntam de algum jogador para mim, dou a minha opinião". O que é certo mesmo é a meta de Neymar de chegar bem, aos 34 anos, à Copa do Mundo de 2026, nos Estados Unidos, México e Canadá. ■

UMA MENTE **BRILHANTE**

QUASE CINQUENTÃO, ROGER MACHADO ABRIU AS PORTAS DO CT PARQUE GIGANTE À PLACAR PARA SUA PRIMEIRA ENTREVISTA EXCLUSIVA DESDE QUE ASSUMIU O INTER. COLHENDO OS FRUTOS DA MATURIDADE (E DOS FIOS DE CABELOS BRANCOS), ELE SE SENTE MAIS PRONTO DO QUE NUNCA NA FUNÇÃO, SEM RENUNCIAR ÀS POSIÇÕES E LUTAS QUE O DEFINEM. AGORA SONHA ALTO: O FIM DA FILA COLORADA E SELEÇÃO BRASILEIRA

Por: Klaus Richmond, de Porto Alegre (RS)
Foto: Diego Vara / Design: LE Ratto

Roger Machado é um daqueles tipos bem raros no futebol. E gosta de ser assim. Logo no início da entrevista, convidado a se apresentar, o técnico não titubeou: "Sou Roger Machado Marques, tenho 49 anos. Pai da Júlia e da Gabriela, casado com a Camile. Treinador de futebol e ex-atleta por pelo menos 20 anos, que construiu sua trajetória buscando pensar fora da caixa". E completa, sorridente: "Talvez essa seja a melhor definição do que procuro dentro desse jogo".

Próximo de completar 50 anos, em 4 de março, apesar de ter sido registrado só no dia 25 de abril, o técnico vive atualmente a melhor versão de si – sem, claro, abrir mão de suas lutas. Mais maduro, os fios de cabelo branco que explica terem subido da barba para a cabeça lhe fizeram bem.

"Acho que quando eles começam a subir os pensamentos ficam mais maduros, as ideias mais claras. As experiências anteriores serviram de laboratório prático para uma maturidade que fui alcançando. E as inseguranças e dúvidas, que acabam sempre rodeando a cabeça do treinador, foram equalizadas com um pouco mais de serenidade", conta. "Mas eu sou o mesmo, tá? Mais experiente, mais vivido. Com muitos acertos e muitos erros."

Para alcançar a paz no Beira-Rio, aonde chegou em julho passado, ele precisou driblar primeiro a longa relação com o lado azul de Porto Alegre, o Grêmio, do qual foi ídolo como jogador. "Sempre cultivei muito o respeito, isso ajudou", sintetiza.

Ele assumiu o time na 13ª colocação do Brasileirão, sem vencer havia quatro jogos e na sequência eliminado na Sul-Americana em pleno Beira-Rio. Rapidamente mudou a mentalidade, construiu um time dominante em campo que sustentou uma sequência de 16 jogos de invencibilidade e encerrou a competição nacional com a terceira melhor campanha do returno, além da quinta colocação geral.

Tudo isso em meio ao rescaldo das enchentes que afetaram severamente Porto Alegre e dezenas de municípios em todo o estado do Rio Grande do Sul. "Conseguimos resgatar um início de ascensão (com o antecessor Coudet) para chegar ao final do ano no ápice."

Curiosamente, ele tinha um plano pessoal: parar de trabalhar aos 50, ideia já completamente descartada: "Hoje está fora de cogitação. Uma filha já mora fora, outra diz que também vai. Daqui a pouco estamos só eu e a patroa, sozinhos, e aí vamos poder desfrutar desse Brasil, desse mundo novo. Vai haver outras pausas, sim, porque desejo fazer outra faculdade, mas acho que tenho uns 20 anos como treinador".

Agora, entre os planos, está ser campeão com o Inter e chegar à seleção brasileira. Ele só não muda as convicções: "Das minhas lutas eu não abro mão, mas o meu palco é e sempre será o futebol".

Depois de bom início, treinador quer fazer história no clube em 2025

ENTREVISTA

VERMELHO, VERMELHAÇO, VERMELHUSCO, VERMELHANTE...

NO BEIRA-RIO, TREINADOR SUPEROU RAPIDAMENTE AS DESCONFIANÇAS PELO PASSADO NO RIVAL PARA VIRAR A CHAVE DO CLUBE EM 2024. TIME CHEGOU A SONHAR COM TÍTULO BRASILEIRO E PENSA GRANDE: QUER O FIM DA SECA DE CONQUISTAS

EDISON VARA

RICARDO DUARTE / INTERNACIONAL

Campeão da Libertadores pelo Grêmio, saiu vitorioso no Grenal 443, o único disputado até aqui

Causou estranhamento vê-lo de vermelho por sua história no Grêmio. Agora sente que esse casamento tinha mesmo que acontecer? Busco ser muito cuidadoso nessa relação. Nós que somos do Sul entendemos a rivalidade e todo o contexto. E, justamente por não querer magoar um dos lados, busco ter muito cuidado. Curiosamente, quando ainda era jogador [do Grêmio], a cada dez pessoas que pediam uma foto, três ou quatro eram torcedores do Inter, que sempre salientaram a forma como lidava com a rivalidade, nunca permitindo que extravasasse para além do campo. Esse é o respeito que tinha com o Inter.

E como se deu a escolha de deixar o Juventude e aceitar a proposta? A oportunidade chegou em um momento de maior maturidade da minha carreira. Fosse antes, talvez, seria mais difícil acontecer. Mas pela experiência que adquiri e a visão diferente sobre algumas questões, deu certo. Foi uma decisão baseada em um plano de carreira: estar em um grande clube, que pode me colocar em grande destaque no futebol brasileiro, para almejar seleção e grandes conquistas.

Que problemas e dificuldades você encontrou ao assumir? É impossível falar de 2024 sem citar o evento climático [que atingiu todo o Rio Grande do Sul]. O Inter começou o ano bem. Enquanto técnico do Juventude, observei um adversário muito capaz, com um modelo claro idealizado pelo Coudet. Mas depois, no período das enchentes, todos os clubes do Sul tiveram dificuldades para treinar. E o lapso de atividades acaba interferindo nesse processo. Hoje eu tenho um craque na minha preparação física, que é o Paulo Paixão. É um cara que faz muito bem essa gestão das cargas e me permite trabalhar todas as variáveis do jogo.

O Inter não conquista o Brasileiro desde 1979, o Gauchão desde 2016. O último título foi o da Recopa Gaúcha de 2017. Como lida com isso? A questão é: de que forma isso acessa o vestiário? Pode ser um grande combustível, não? Quem é que não deseja marcar a história de um clube que está ausente dessas grandes conquistas? Ou seja, é a forma e a intensidade com que ela entra que precisam ser controladas. E esse é o meu trabalho como gestor de ambiente, capto essas emoções e filtro para passar da melhor forma aos atletas. Precisamos entender onde estamos e qual é o momento da instituição. O Paulo Paixão fala: "O mundo só reconhece os seus botadores de faixa". E é uma grande verdade. O que conseguimos construir até aqui fez com que o torcedor voltasse ao estádio para além do resultado. Resgatamos a muitos, que hoje pensam: "Eu quero vencer, mas estou gostando da forma como meu time está se comportando". É impossível prometermos conquistas, mas esse grupo está desejando marcar época com uma faixa no peito.

FORA DA CAIXINHA, SIM!

FORMA DE PENSAR FUTEBOL É UM TANTO QUANTO PECULIAR: A PARTIR DE UM GRANDE CÍRCULO. TREINAMENTOS GIRAM EM TORNO DO CONCEITO, ALIADOS AO FORTE TRABALHO FÍSICO DE PAULO PAIXÃO. PACOTE DEU RESULTADO NO ÚLTIMO SEMESTRE

RICARDO DUARTE / INTERNACIONAL

Preparador físico é peça fundamental para o sucesso tático de Roger

Você se considera um cara fora da caixa, mesmo? Acho que todos nós temos um pouco de estranheza em alguma parte de nossos raciocínios (risos). Penso que, se não criei, adotei uma forma de ver o jogo que foge um pouco do convencional. Ou, se não foge, pode levantar alguns questionamentos.

E como é isso? Parte da minha busca foi resgatar o futebol brasileiro. Enxergo uma partida de futebol como um grande círculo gigante. Digo aos atletas: "Vocês vão adorar o meu modelo, porque é o que mais gostam de fazer durante a semana". Tento unir a roda de bobinho e o rachão, acredito que essas duas coisas são o futebol da forma como eu entendo, que são sete caras pela periferia e três caras por dentro. E é preciso manter essa forma circular, com esses caras por dentro, andando no campo. O círculo não pode estar tão aberto para que as linhas de passe não fiquem muito longas. E não pode estar tão fechado para que os que estão dentro do bobo tenham mais facilidade de roubar [a bola]. Desenvolvi a minha metodologia de atividades baseada nisso. Meus treinos vão buscar sempre a mesma ideia: conseguir manter a forma circular do jogo, que para mim remete à ancestralidade, que é um pouco da mitologia africana, do círculo como elemento central. Então, se isso é pensar fora da caixa, me considero assim.

Os jogadores assimilam todo esse conceito bem? Sim, com tranquilidade.

Por muitas vezes, Fernando Diniz é questionado por uma metodologia pouco convencional, da qual não abre mão. Acha possível empregar isso na seleção brasileira? Esse questionamento está muito mais ligado com questões socioculturais do que propriamente com a capacidade do jogador de entender as informações que o treinador passa. Julgam o atleta por ausência de uma estrutura familiar ou não ter tido acesso ao conhecimento formal, até porque investe muito tempo na sua formação para ser jogador de futebol. Por isso interpretam que não terá o nível de consciência para entender as informações, e isso não é verdade. O atleta que consegue atuar em alto nível tem um grau muito alto de inteligência esportiva, e é isso que basta. Ele é sinestésico, aprende correndo. Como também é possível aprender através da consciência, mas eles o fazem se deslocando pelo campo.

ENTREVISTA

QUASE CINQUENTÃO

OS FIOS DE CABELO BRANCO QUE SUBIRAM DA BARBA PARA A CABEÇA, COMO DIZ, TROUXERAM MAIS MATURIDADE AO TÉCNICO. ELE NÃO É UM NOVO ROGER, MAS A MELHOR VERSÃO DE SI

Nos tempos de Palmeiras, Atlético-MG e Bahia era possível ver alguns comportamentos e inseguranças que hoje parecem mais distantes. O treinador que vemos no Inter é um novo Roger? Eu sou o mesmo. Mais experiente, mais vivido... com muitos acertos e muitos erros. Tenho parado para reavaliar tudo, mas digo: não sou um novo Roger, sou o mesmo. Só mais velho, com mais cabelos brancos. A barba começou a ficar branca antes, agora que está vindo para o topo da cabeça. Eu acho que quando isso ocorre os pensamentos ficam mais maduros e as ideias, mais claras. As experiências anteriores serviram de laboratório prático. A juventude te dá um pouco mais de ímpeto, mas a maturidade traz o freio, o olhar mais holístico, mais global.

O trabalho fora do campo é tão importante quanto? Hoje tenho a tranquilidade e a segurança que, mais do que ter o conhecimento tático ou ser muito bom estrategicamente, preciso buscar esse melhor gerenciamento das emoções dentro de um ambiente que sabemos que é muito hostil, às vezes. Todos nesse ambiente de estafe trabalhamos pelo atleta e para que o atleta esteja na melhor condição para desempenhar o que sabe. É uma gestão mais global, mais sistêmica do processo. Sou um apaixonado pelo futebol como um esporte de alto rendimento, de disputa e conquista de território, de estratégias de jogo, mas as relações humanas são importantes para que você consiga lidar nesse ambiente.

Como gerir as relações pessoais dentro de um vestiário? É um universo de 35 jogadores em que o meu mais novo tem 16 anos e o mais experiente, 38, em fases diferentes da carreira, em momentos diferentes de vida, velocidades e necessidades diferentes. Precisamos conseguir com que todos olhem para o mesmo lugar. Vivemos em um eterno balanço e equilíbrio. Mesmo quando os resultados de campo não estão acontecendo, é preciso entender que, investindo na gestão do ambiente, por vezes se acaba solucionando alguns problemas. Como gestor, eu costumo dizer que na véspera de um jogo eu contratei 23 (os relacionados) e demiti 12. Amanhã, vou ter que ter a capacidade de recontratar aqueles 12, mostrando para eles que podem ser importantes.

Sobre a carreira, você dizia que pararia aos 50. É o seu último ano? Hoje está fora de cogitação. Me dei conta que com 50 as minhas filhas já estão adultas, né? Uma já mora fora, no interior, para estudar, e a outra diz que daqui a pouco também vai. Daqui a pouco estamos só eu e a patroa de novo, sozinhos. Aí poderemos começar a desfrutar desse Brasil, desse mundo de novo. Então, hoje não faz parte mais da minha decisão essa pausa. Haverá outras pausas, sim, porque tenho muito desejo de voltar a estudar psicologia, ciências sociais ou direito. Acho que tenho uns 20 anos ainda como treinador.

DIEGO VARA

Treinador chegou ao Inter em julho em sua versão mais madura

RICARDO DUARTE / INTERNACIONAL

ARQUIVO PESSOAL

Com a família, sua base, e ao lado de Alan Patrick, o craque do time

ALGUMAS PÁGINAS MAIS

BIBLIÓFILO, ROGER CULTIVA DESDE OS TEMPOS DE JOGADOR UMA RELAÇÃO POUCO COMUM NO FUTEBOL COM OS LIVROS. HÁBITO CONTOU COM INSISTÊNCIA DA IRMÃ LENA E CHEGOU ATÉ AS FILHAS JÚLIA E GABRIELA

Você ainda presenteia seus jogadores com livros? Sempre que posso. Já presenteei o Alan [Patrick] com um de futebol e outro da coleção Diálogos. Quando começo um trabalho, uma das coisas que faço é uma anamnese [conversa que antecede um diagnóstico] para entender um pouco o jogador e seu momento.

Como funciona? Faço com todos. Pergunto diretamente: onde eu posso contribuir na sua carreira? E uma das coisas que o Alan comentou foi: "Professor, estou desfrutando da minha carreira e quero aprender o máximo que eu puder sobre o jogo". Eu disse: "Penso que posso te ajudar".

Esse é um interesse incomum no futebol, não? A impressão que temos é que os jogadores estão alheios à cultura... Acho que essa geração já vem com um chip diferente. Vejo um interesse muito maior. Interesse pelo jogo sempre há, mas alguns desejam teorizar isso. Porque a prática eles já compreendem como ninguém. Fazem fórmulas matemáticas da velocidade e de distância da bola, entendem o tempo e o espaço tanto quanto quem estuda física. Agora muitos estão buscando a teoria do processo, assim como a minha faculdade de educação física foi muito importante. Digo que, se eu tivesse feito a faculdade de educação física enquanto jogador, seria um atleta completamente diferente. Não do ponto de vista da consciência da profissão, tive boa consciência, mas do entendimento do todo. Do que é importante para estar em alto nível.

Sua irmã é a responsável pelo seu amor à literatura... Sou o caçula de sete irmãos. E a Lena foi a primeira dos irmãos a acessar a universidade. Formada em letras, professora de francês e de português. Quando comecei a dar minhas primeiras entrevistas, muito nervoso, já tinha certeza de que meia hora depois ela me ligaria dizendo: "Ô, guri, tu errou esse verbo, não se fala assim". Mas antes disso, ainda no juvenil, ela botava uns livros por baixo do forro da mochila. Volta e meia eu achava e dizia: "Lena, eu não gosto de ler". Ela dizia: "Vai que um dia atrasa o ônibus, a viagem é longa, e tu não tem o que fazer". E um dia atrasou mesmo, eu peguei o livro e criei o hábito. Aprender através da cultura é uma das formas que marcam para sempre a nossa vida.

A Lena é também sua gestora de carreira, certo? Sim, hoje converso menos com a Lena, mas ela ainda segue firme e forte administrando as minhas questões financeiras. Se me perguntar quanto tenho na minha conta, não sei.

E suas filhas cultivam esse hábito? Desde muito pequenas leem muito. A mais velha dormia com o livro abraçado, não precisei fazer nenhum trabalho. Penso que o exemplo é a melhor forma de ensinar. Assim como um refrigerador abastecido alimenta o corpo, a biblioteca abastecida é alimento para a alma.

ENTREVISTA

'NÃO FUJO DAS MINHAS LUTAS'

ÚNICO TÉCNICO NEGRO NA SÉRIE A DO BRASILEIRÃO, ROGER SEGUE DISPOSTO A LUTAR CONTRA O RACISMO. SÓ QUE AGORA ESCOLHE MELHOR QUANDO E COMO SE POSICIONAR: 'FUTEBOL REFLETE O QUE SOMOS COMO SOCIEDADE'

Você parece mais cuidadoso ao falar de racismo. Crê que estava sendo reconhecido exclusivamente pela postura firme nesse combate? Tudo anda junto, porque faz parte da minha história, da minha ancestralidade e da forma como entendo esse jogo. O que passei a medir mais são esses momentos de exposição. Para que o ambiente não acabe me rotulando, como alguns momentos aconteceram dizendo que eu poderia estar mais interessado nas causas e menos no futebol. Das minhas lutas eu não abro mão, porque elas estão no cerne da minha individualidade. Porém o meu palco é o futebol. Então, na verdade, é um cuidado maior, somente isso.

Acha que críticas passaram do ponto? Não sei, mas em alguns momentos foram mais fortes e desproporcionais.

E o quanto isso te magoou e te fez refletir? É paixão. Estou há 30 anos nesse meio e costumo dizer que estou adaptado ao ambiente. Algumas coisas me acostumo, outras não desejo me acostumar. De novo, a maturidade acaba dando a capacidade de discernir os momentos, de entender o torcedor e sua passionalidade, mesmo que por vezes possa ser desproporcional. Não questiono a paixão do torcedor. Nós todos estamos nesse ambiente cujo único lucro é a alegria para o torcedor e o escudo que defendemos, então precisamos compreender, nos adaptar para que tudo possa ser mais equilibrado.

No banco de reservas, uma espécie de cavaleiro solitário na elite nacional

DIEGO VARA

Em 2021, o Marcão, do Fluminense, fez um questionamento sobre a falta de treinadores negros na elite. Como se sente ainda solitário? Tento imaginar as razões, mas uma delas, que tenho certeza, é a cultura colonial que nos arrasta há 500 anos. Durante uma aula online da [CBF] Academy, o Paulo Isidoro [ex-jogador] reforçou a importância desse lugar que ocupo para que outros também possam acessar. Sei o tamanho da responsabilidade que tenho de manter essa porta aberta. Se imaginarmos o futebol como uma pirâmide social, todos que estão no campo, pretos ou brancos, são vistos do topo como pretos. Porque ou somos pretos pela cor da pele ou porque viemos na maioria esmagadora

AS TAÇAS COMO TREINADOR

Campeonato Mineiro (2017) Atlético-MG

Campeonato Baiano (2019 e 2020) Bahia

Recopa Gaúcha (2022) Grêmio

Campeonato Gaúcho (2022) Grêmio

AS TAÇAS COMO JOGADOR

Copa Libertadores (1995) Grêmio

Campeonato Brasileiro (1996) Grêmio

Copa do Brasil (1994, 1997, 2001 e 2007) Grêmio e Fluminense

Recopa Sul-Americana (1996) Grêmio

Campeonato Gaúcho (1995, 1996, 1999 e 2001) Grêmio

RICARDO DUARTE / INTERNACIONAL

Com Roger, Inter saltou de 13º para terminar em 5º no Brasileirão

da mesma classe social. Neste universo, os espaços foram reservados para um grupo em detrimento de outro. O ambiente do esporte nada mais é do que o extrato do que somos como sociedade. Já houve muitos avanços, e hoje se permite que até mesmo falemos de forma aberta, sem o julgamento de estar desejando sofrência.

Antes isso não era possível? Com certeza não. Poder falar sobre esse assunto, sem considerarem que você está reivindicando algo, é recente. Hoje se permite falarmos sobre o assunto e consigo externar minha verdade baseada no que leio, no que vivo, no que sinto e no que o ambiente me mostra claramente como sociedade do futebol.

Não faltam mais movimentos efetivos da CBF e da própria classe de treinadores? Sou palestrante da CBF e já falei que os cursos poderiam ser mais acessíveis ou ter iniciativas que facilitassem o acesso de ex-atletas. Os que não têm a capacidade financeira de pagá-lo, por exemplo. Digo que 3% dos jogadores profissionais ganham mais do que dez salários mínimos, segundo pesquisas. Conto a história de um amigo que jogou 15 anos como profissional, nunca ficou mais de três meses desempregado, mas seu salário nunca foi maior que R$ 3 000. Ele acabou a carreira aos 35 e no outro dia teve que procurar emprego para conseguir vencer o mês, as contas que chegam. Ele vivia dizendo: "Roger, você foi jogador. Eu fui dublê". Pedi para ele nunca mais falar isso, porque a experiência dele foi muito maior que a minha. Eu joguei em três clubes, ganhei muito mais que a média, poucas vezes tive salários atrasados... Então, se tem alguém que pode contribuir, é ele. Não podemos ter exclusividade para que só um pequeno grupo acesse, mas permitir que pessoas assim possam continuar no futebol. Percebo que o número de ex-atletas nos cursos tem diminuído porque os acessos estão restritos. ■

A BASE VE

A 55ª EDIÇÃO DA COPA SÃO PAULO DE FUTEBOL JÚNIOR TERMINOU COM O 5º TÍTULO DO TRICOLOR PAULISTA NO NOVO PACAEMBU E APRESENTOU UMA SÉRIE DE JOVENS PROMESSAS

Por: Guilherme Azevedo e Heloísa Vasilian / Design: LE Ratto

GUILHERME VEIGA / SPFC

RYAN FRANCISCO

SÃO PAULO
ATACANTE
18 ANOS / 1,75 M / CANHOTO

Artilheiro com dez gols marcados e eleito o craque da competição, o camisa 9 foi ausência na final – levou o terceiro amarelo na partida em que marcou dois gols de pênalti, com duas cavadinhas. Ainda durante o torneio foi chamado para integrar o time profissional e já tem multa rescisória estipulada em 60 milhões de euros (cerca de R$ 365 milhões)

FABIO MENOTTI / SEP

GILBERTO JÚNIOR

PALMEIRAS
LATERAL-DIREITO
19 ANOS / 1,65 M / DESTRO

Visto como potencial substituto para os experientes Marcos Rocha e Mayke, Gilberto Júnior chamou atenção ao liderar a competição em assistências: oito passes para gol até as quartas. Os 11 títulos nas categorias de base do Verdão, incluindo a Copinha de 2023, mostram que está pronto para um próximo passo no profissional.

ANGELO PIERETTI / GRÊMIO

GABRIEL MEC

GRÊMIO
ATACANTE
16 ANOS / 1,73 M / AMBIDESTRO

Apesar da pouca idade, mesmo em um torneio de categoria de base, Gabriel Mec atraiu as atenções com dois gols marcados pelo time que foi semifinalista. O ponta-esquerda é tratado como uma verdadeira joia no Tricolor Gaúcho e é empresariado pelo pai de Neymar. O Chelsea chegou a sondar o jovem jogador no início de 2024.

M FORTE

DENNER

CORINTHIANS
LATERAL-ESQUERDO
16 ANOS / 1,75 M / CANHOTO

Efetivo na defesa e decisivo no ataque. Com apenas 16 anos, Denner marcou três gols na campanha do vice-campeonato da competição. Primo do zagueiro Gabriel Magalhães, do Arsenal e da seleção brasileira, o jogador é visto como uma das maiores promessas do Timão. Já recebeu proposta do Chelsea e deve ser vendido em breve, por cerca de 8 milhões de euros, valor que revoltou a torcida.

KAUÃ LIRA

CRICIÚMA
MEIA-ATACANTE
18 ANOS / 1,73 M / DESTRO

Um nome em especial chamou atenção no forte jogo coletivo do Criciúma, que desde 1995 não chegava à semifinal. Kauã Lira, com ótima visão de jogo, distribuiu duas assistências e ainda anotou cinco gols na histórica campanha. As atuações chamaram a atenção do Palmeiras, time pelo qual ficará emprestado até o final da Copinha 2026 e poderá evoluir ainda mais.

DELL

BAHIA
ATACANTE
16 ANOS / 1,74 M / DESTRO

O apelido "Haaland do Sertão" pode até soar um exagero, mas o jovem centroavante guarda certa semelhança física e faro de gol apurado. Foram quatro gols na campanha que foi até as oitavas de final dos Pivetes de Aço. Observado de perto pelo Grupo City, o jogador tem contrato até dezembro de 2027, com multa de 100 milhões de euros (R$ 623 milhões).

ESPECIAL

SALAAM ALEIKUM, CHEGOU A MINHA VEZ

Festa na arquibancada: o bandeirão para Cristiano Ronaldo na torcida do Al-Nassr, no clássico diante do Al-Ittihad

Por: Enrico Benevenutti, de Jeddah
Fotos: Alexandre Battibugli
Design: LE Ratto

PLACAR VIAJOU ATÉ A ARÁBIA SAUDITA PARA VER DE PERTO CRISTIANO RONALDO, BENZEMA E OUTROS CRAQUES E ENTENDER COMO O PAÍS SE PREPARA PARA RECEBER A COPA DO MUNDO DE 2034 – E PARA SE LIVRAR DE PESADAS DENÚNCIAS

ESPECIAL

Lendas: o King Abdullah Sports City foi palco do reencontro entre Benzema e CR7, que formaram dupla histórica no Real Madrid

O horário do jogo se aproxima à medida que o sol se põe no deserto. O calor não cessa, mas é amenizado pela brisa do Mar Vermelho no início da noite. Na terra do petróleo e de largas avenidas, o carro é o único meio de transporte possível e os engarrafamentos são comuns a qualquer hora, inclusive nas madrugadas. O trânsito se intensifica ainda mais nos arredores do estádio King Abdullah Sports City, destino dos 55 000 torcedores que começam a se encontrar cerca de duas horas antes do jogo. Os sauditas tratam o evento como se deve: o clássico entre Al-Ittihad e Al-Nassr movimenta as duas maiores cidades do país, Jeddah, capital cultural, e Riade, a capital política.

Já dentro do estádio, grupos se organizam para não perder o horário da reza islâmica (a sirene soa cinco vezes ao longo do dia para anunciar a oração). O volume das arquibancadas diminui, em respeito, para depois subir com os craques já em campo. O público é formado majoritariamente por homens, mas já se vê um número considerável de mulheres nas arquibancadas. Algumas vestem o hijab (véu islâmico) da forma mais tradicional, com apenas os olhos visíveis, e outras são mais flexíveis, cobrindo apenas o cabelo. Não é raro ver mulheres vestindo o hijab junto dos cachecóis de suas respectivas equipes.

Durante boa parte da partida válida pelo Campeonato Saudita, os jogadores são meros coadjuvantes diante da festa nas arquibancadas. Mosaico interativo, músicas, gritos e até um bandeirão transformam o ambiente, numa cena que faz lembrar as mais barulhentas canchas sul-americanas. A organizada na chamada Curva Sud (termo importado da Itália) aumenta o ritmo à medida que o time ataca – e cede volume à torcida visitante quando são atacados. No gramado, as estrelas compradas pelos petrodólares definem o confronto.

A liga saudita tem financiado cada vez mais viagens da imprensa internacional, como ocor-

reu com PLACAR. Essa é uma estratégia comum, inclusive entre ligas europeias, para atrair holofotes – e, claro, mudar algumas percepções sobre a realidade local. Na sala de imprensa, influencers espanhóis registram, impressionados, o vasto cardápio de comida árabe, que inclui deliciosas esfirras abertas, pão sírio com babaganoush, tabule e tâmaras, tudo por conta da casa, e mais tarde se deleitam com o show da torcida, à beira do campo.

"O futebol é o esporte número um na Arábia Saudita. É algo com o qual todos nós crescemos, seja participando, seja assistindo e interagindo, desde muito, muito tempo atrás. Temos clubes que estão perto de completar 100 anos. Temos uma liga profissional que já está em funcionamento há quase 50 anos", diz Omar Mugharbel, CEO da liga saudita. "Não é algo novo. Não é algo que começamos a seguir ou a nos apaixonar recentemente. É algo com raízes profundas em nossa cultura e sociedade." O brasileiro Roberto Rivellino, que chegou ao Al-Hilal em 1979, é considerado até hoje uma lenda no país. Segundo os dados oficiais, 80% dos sauditas se dizem fãs de futebol.

"O FUTEBOL É O ESPORTE NÚMERO 1, TEMOS CLUBES COM QUASE 100 ANOS", DIZ CEO DA LIGA

Apesar da inegável tradição, ninguém contesta que a contratação de Cristiano Ronaldo ao final de 2022 representou um divisor de águas. Nem mesmo a recente saída de Neymar do Al-Hilal (outro gigante do país ao lado de Al-Ittihad, Al-Ahly, Al-Nassr) após um ano e meio deve minguar o futebol por lá. "Agora conheço o povo saudita de verdade. Sempre senti o amor e paixão de vocês pelo jogo. Estarei acompanhando vocês enquanto clubes e seleção no caminho até a Copa 2034. O futuro de vocês será incrível", escreveu Neymar em sua despedida. Mesmo sem

o brasileiro, Benzema, Firmino, Kanté, Mahrez e Fabinho são estrelas que deixaram a Europa e ainda abrilhantam o campeonato.

Ex-dirigente da CBF e atual diretor de competições da Saudi Pro League, Manoel Flores, reforçou que os gastos estão muito bem direcionados. "Nosso primeiro grande objetivo foi mostrar ao mundo que estamos aqui para ficar. A partir de agora, é equilibrar a liga e fazê-la crescer de forma orgânica e sustentável". Para isso, as equipes mantiveram os jogadores estrelados e passaram a buscar os atletas mais jovens. A chegada do goleiro Bento, 25, ex-Athletico-PR, ao Al-Nassr ilustra bem este novo momento.

A preocupação de equilibrar a liga é urgente. Os quatro maiores clubes do país são controlados em 75% pelo próprio governo através do fundo de investimento saudita (PIF) – que também detém o Newcastle, tradicional clube inglês. A distância dos quatro grandes para o restante é perceptível nos elencos e na tabela de classificação. Até por isso, o Ministério do Esporte anunciou recentemente um investimento de 1,7 bilhão de Riyals sauditas (o equivalente a 2,76 bilhões de reais) para a temporada 2024/25. O dinheiro chegará até a clubes da terceira divisão.

Apesar das badaladas contratações, os clubes sauditas ainda não contam com uma infraestrutura de nível europeu. Os CTs de Al-Ittihad e Al-Ahli, por exemplo, são idênticos, com a mesma fachada em uma arquitetura tipicamente árabe. A única diferença são as cores, claro – preto e amarelo no primeiro, verde e branco no segundo. As academias, modestas, sem grandes tecnologias, e os campos, acanhados, servem como casa para as equipes inferiores e femininas. O autoritarismo dos dirigentes em proibir fotos e vídeos do local não se justifica, mas pode ser visto como um sinal de constrangimento.

"Comecei a aprender árabe, o básico do dia a dia, mas depois relaxei", conta Roberto Firmino. O atacante do Al-Ahli vai completar sua segunda temporada de futebol saudita e conta que precisou de tempo para se adaptar. "A gente sofre, no bom sentido. Eu vim do melhor campeonato do mundo (Premier League) e é uma mudança muito radical. Precisa de uns meses de adaptação, mas eu e minha família estamos gostando de morar aqui", diz, antes de o assessor de imprensa finalizar o papo de cronometrados cinco minutos.

Companheiros de equipe, os compatriotas Ibañez e Alexsander também não têm do que se

Avanços: crianças no Regional Training Center e o CT do Al-Ittihad

Letícia Nunes: atacante de 22 anos é destaque do Al-Ittihad feminino

CR7, O CONQUISTADOR

"Foi o Cristiano quem abriu as portas para a Arábia Saudita. Muita gente tinha uma ideia muito diferente da vida e do futebol daqui. Ele veio descomplicar um pouco esse cenário e mostrar o que o povo daqui acredita como futebol e o que pode vir a ser no futuro", diz Danilo Pereira, zagueiro do Al-Ittihad e da seleção de Portugal. Ele não nega a influência de CR7 em sua chegada e como o gajo vendeu muito bem a vida no Oriente Médio: "Na seleção ele já comentava como a realidade por aqui é totalmente diferente do que as pessoas imaginam".

O país saudita abraçou o português como nunca. No duelo do Al-Nassr (cujo nome significa Vitória) contra o Al-Ittihad (União), mesmo como visitante, metade do estádio estava repleto de torcedores com a camisa amarela e o número 7 nas costas. Sem contar os neutros que claramente foram ao evento somente para vê-lo de pertinho. Não há conversa, Cristiano Ronaldo é o maior do mundo na Arábia Saudita, enquanto Messi é mencionado por um ou outro (e citado pelos rivais do Al-Nassr em tom de provocação).

O português faz jus à idolatria. Aos 40 anos, segue com números relevantes e fazendo a diferença. Na última temporada, foram 63 participações diretas em gols em 51 jogos disputados. Apesar do desempenho,

Cristiano deixou o dele na derrota por 2 a 1 para o Ittihad

Cristiano conquistou apenas um título: a Taça da União das Associações de Futebol Árabe, o que reforça a tese do próprio de que a competitividade na liga é maior do que na França, por exemplo.

Desde que o futebol saudita se abriu, quem manda nas competições é o Al-Hilal, do técnico português Jorge Jesus. Neymar seria o grande astro em campo, mas o atacante sofreu com as lesões e um total de mais de um ano afastado das partidas. Até por isso, é mais comum ver camisas do artilheiro sérvio Mitrovic nas ruas, que caiu nas graças dos sauditas – mesmo ostentando no país islâmico uma enorme tatuagem de Jesus Cristo no braço esquerdo.

queixar. "Para quem vem de fora, a competitividade é muito importante. A evolução está acontecendo, dá para ver a mudança de mentalidade. Os olhos do mundo todo estão aqui agora", diz o primeiro. Um dos principais pontos levantados pelos jogadores é o calendário, que proporciona mais tempo livre. Como o calor é muito forte ao longo da tarde, as equipes costumam treinar à noite, principalmente no período do Ramadã, quando os atletas muçulmanos só podem se alimentar depois do pôr do sol. Assim, os jogadores têm o dia inteiro livre para aproveitar a família, e o mais importante: sem pressão de torcida. "Dificilmente alguém para você na rua. No máximo, uma foto ou outra", diz Aleksander, meia de 21 anos revelado pelo Fluminense.

Se para os homens a adaptação não assusta tanto, para as mulheres pode ser um pouco mais desafiadora. Letícia Nunes, que trocou o Bahia pelo Al-Ittihad no ano passado, conta que já foi ao mercado de shorts e precisou voltar para o carro para colocar uma calça ao notar olhares sisudos. Sem qualquer obrigação de usar hijab, as estrangeiras precisam, no entanto, respeitar as normas religiosas da teocracia saudita e ao menos cobrir as pernas. "A vida social é bem dife-

rente, aqui é mais difícil de fazer amizades. Esse ciclo social é mais curto pela dificuldade de comunicação com os homens e também mulheres, há pouco contato", diz Letícia.

Durante o papo com a reportagem, a brasileira foi requisitada para tirar foto com uma fã mirim. O encontro aconteceu nos arredores do estádio King Abdullah, onde também ocorre o Regional Training Center da federação saudita, uma iniciativa para o desenvolvimento do futebol feminino local. O staff faz questão de frisar que é um projeto social, além do esportivo. Crianças a partir de 6 anos de idade são divididas em três categorias do projeto, com diversas atividades. Uma das técnicas que formam o staff na cidade é Tatiana Khalil, ex-capitã da seleção do Líbano: "O projeto me convenceu porque é algo que eu e toda a minha geração adoraríamos ter tido em nossa infância". Atualmente, cerca de 400 meninas integram o projeto. As atletas da última categoria ficam "livres" para serem abordadas pelos clubes e assinarem contrato. Tatiana conta que muitas estreiam pelas seleções de base, chamam atenção e então são contratadas. Hoje é possível viver somente de futebol feminino na Arábia Saudita – sem grandes luxos, obviamente.

O esporte-rei é apenas um dos muitos caminhos escolhidos para desenvolver o país. O projeto Saudi Vision, elaborado em 2016 pelo príncipe herdeiro Mohammad bin Salman (o popular MBS), tem metas a cumprir até 2030 – a maioria já entregues. A pasta elaborada pelo governo tem como objetivo tornar a Arábia Saudita uma referência do turismo, diversificando a economia e diminuindo a dependência do petróleo.

Em meio a esse processo, a Arábia Saudita passou a emitir visto de turismo para a maioria dos países a partir de 2019. A diferença é perceptível. O que mais se vê nas grandes cidades são gigantescas construções. Os poucos sauditas na rua, ao perceberem a onda de turistas, são curiosos e simpáticos: "De onde vocês são? Estão gostando do país? Como estão sendo tratados?". "Somos o Brasil do Oriente Médio", brinca um morador. "Adoramos recepcionar bem nossas visitas."

Entre um e outro Sallam Aleikum (cumprimento utilizado pelos muçulmanos que significa "que a paz esteja sobre vós"), o choque cultural é mais forte no centro histórico da cidade. O bairro de Al-Balad, patrimônio cultural da Unesco, é formado por casas de pedra e suas janelas de madeira Roshan. Nas ruas, sauditas tomam café entre os forasteiros, enquanto mulheres passeiam com suas crianças, a maioria vestindo o hijab tradicional. O governo iniciou um projeto de revitalização de toda a área, claro, visando o turismo.

O país corre agora contra o tempo para não apenas cumprir todos os objetivos do Saudi Vision 2030, mas deixar tudo perfeito para a Copa do Mundo de 2034. A Arábia Saudita foi a única a concorrer como sede do evento e recebeu da Fifa a nota 4,2 – a maior da história no processo de análise. "Algumas pessoas podem pensar que, por termos sido os únicos candidatos, o processo

O FUTURO É NEOM

Para a Copa do Mundo de 2034, a Arábia Saudita planeja do zero a construção de Neom, uma cidade a noroeste do país e à beira do Mar Vermelho, diferente de tudo no mundo. A cidade futurista será completamente sustentável, com energia renovável e um dos complexos construído de forma vertical, como uma muralha, chamada The Line. A expectativa é ter cerca de 300 000 moradores até 2030: "É um novo modelo de vida, negócio e conservação ambiental. Como um futuro hub global, Neom incluirá cidades cognitivas, com portos, centros de pesquisa e destinos turísticos".

A cidade será sede do Mundial com o **Neom Stadium**, um palco para o futebol diferente de tudo no mundo. Com capacidade para 46 000 pessoas, o estádio ficará suspenso a 350 metros acima do solo, com um telhado de vidro criado para espelhar a própria cidade. Após o evento, ele se tornará a casa da seleção masculina e feminina da Arábia Saudita e servirá como complexo de esportes para a comunidade local.

DIVULGAÇÃO/FEDERAÇÃO SAUDITA DE FUTEBOL

foi mais fácil, mas não foi nada disso. É mais fácil competir com os outros do que consigo mesmo", justifica Ibrahim Al Kassim, secretário-geral da Federação de Futebol da Arábia Saudita (SAFF, na sigla local). A segunda edição de uma Copa do Mundo no Oriente Médio ainda não tem definido o mês de realização. É provável, no entanto, que seja jogada entre novembro e dezembro, período com temperaturas mais amenas, repetindo a estratégia utilizada pela Fifa no Catar, em 2022 – e que complicou ainda mais o calendário das grandes ligas. Ibrahim garante que a Arábia estará pronta qualquer que seja a data escolhida.

O processo de abertura é notório, cristalino, mas esbarra sempre no termo que os sauditas não gostam de ouvir: "*sportswashing*", como foi batizada pela mídia ocidental a estratégia utilizada por determinados países para limpar sua imagem. No caso da Arábia Saudita, é difícil se livrar das evidências de violação dos direitos humanos. Em 2018, o príncipe MBS, cujos retratos estão pendurados em hotéis e diversos outros estabelecimentos, foi acusado de ordenar o sequestro e a morte do jornalista saudita Jamal Khashoggi. Além do episódio incontornável, a monarquia lida de forma dura e discriminatória contra a comunidade LGBTQIAPN+, sendo a homossexualidade passível até de pena de morte. Em 2024, a Arábia Saudita executou 330 pessoas (158 a mais que no ano anterior e o maior número em décadas), a despeito da afirmação de Bin Salman de que a pena capital foi eliminada no país, exceto para casos de homicídio. Os dados são da ONG de direitos humanos Reprieve e verificados pela agência Reuters.

Alguns casos preocupantes aconteceram dentro do esporte. No último ano, o atleta marroquino Hamdallah, do Al-Ittihad, foi alvo de chicotadas de um torcedor quando se envolveu em uma discussão em campo. As autoridades sauditas precisaram revisar o protocolo de torcedor nos estádios. Recentemente, durante a disputa da Supercopa da Espanha em solo saudita, esposas de jogadores do Mallorca relataram um episódio de assédio na saída do jogo contra o Real Madrid, em Jeddah.

Ibrahim Al Kassim, secretário-geral da SAFF, é firme em sua posição. "Estamos abertos ao mundo, para educar as pessoas e mostrar onde a Arábia Saudita está hoje. Estamos mudando, somos um país em evolução, mas estamos mudando por nós mesmos, para as futuras gerações, não para agradar a ninguém. Não queremos esperar até 2034 para que as pessoas venham e vejam a realidade por si mesmas", diz. "Ninguém é perfeito. Cada país tem seus próprios desafios. A diferença é que reconhecemos o que precisava ser melhorado e começamos a trabalhar nisso."

Com todas as suas idiossincrasias, a Arábia Saudita é uma realidade. A abertura cultural refletida pelo Saudi Vision e a aposta no futebol como uma arma política e econômica jogaram todos os holofotes no país, que tem conseguido driblar as críticas por enquanto. Os petrodólares só ajudam num processo cada vez mais acelerado e que ocorre de forma muito ordenada. Não será preciso esperar a Copa do Mundo de 2034 para ver a Arábia Saudita nos jornais esportivos. ■

Ibañez, Alexsander e Firmino: os brasileiros do Al-Ahly

PLACAR viajou à Arábia Saudita a convite da Roshn Saudi League

ENCONTRO MARCADO COM A HISTÓRIA

UMA SÉRIE DE RECORDES QUE PODEM SER BATIDOS EM 2025

Por: Rodolfo Rodrigues
Design: LE Ratto

ALEXANDRE BATTIBUGLI

ESTADUAIS

Atual tricampeão do Paulistão, o **Palmeiras** pode se tornar tetracampeão pela primeira vez e repetir a façanha do Paulistano, o único time a vencer quatro vezes seguidas a competição, entre 1916 e 1919.

Depois de igualar seu recorde de títulos estaduais consecutivos em 2024, sendo hepta, o Grêmio pode agora repetir a sequência recorde do Internacional, o único octacampeão gaúcho entre 1969-1976.

Pentacampeão mineiro (2020/21/22/23/24), o Atlético-MG pode alcançar seu recorde de títulos consecutivos no Estadual, igualando 1983, quando foi hexa pela primeira vez. Na história do Campeonato Mineiro, o América é o recordista, com dez títulos seguidos entre 1916 e 1925.

GUSTAVO ALEIXO / CRUZEIRO

COPA DO BRASIL

Agora no **Cruzeiro**, Gabigol pode se tornar o maior artilheiro da história da competição. Atualmente com 32 gols, ele é o terceiro da lista. Fred é o recordista, com 37 gols, seguido por Romário, com 36

NÚMEROS CONTABILIZADOS ATÉ O FECHAMENTO DESTA EDIÇÃO, EM 3 DE FEVEREIRO DE 2025

ARTILHARIAS

Autor de 101 gols pelo Real Madrid até o dia 3 de fevereiro de 2025, **Vinicius Júnior** está a três gols de igualar Ronaldo, o brasileiro com mais gols na história do clube merengue. Rodrygo, com 67 gols até a mesma data, é o quarto com mais gols, atrás de Roberto Carlos, o terceiro, com 68 gols.

UEFA

Cristiano Ronaldo terminou 2024 com 916 gols marcados em jogos oficiais. Autor de 43 gols no ano passado, CR7 pode ser o primeiro a chegar aos 1 000 gols em partidas reconhecidas pela Fifa. Em jogos não oficiais, o português tem mais 20 gols e pode, ainda em 2025, chegar ao milésimo gol em sua carreira. Pelé fez 1 283.

Com 137 gols pelo Flamengo, **Pedro** está a oito tentos de superar o ex-atacante Índio e se tornar o décimo maior artilheiro da história do clube.

No Atlético-MG, **Hulk** está a 15 gols de superar Nívio para também entrar no "top 10" dos maiores artilheiros do Galo de todos os tempos.

VITOR SILVA / BOTAFOGO

LIBERTADORES

Campeão das últimas seis edições, o futebol brasileiro poderá igualar o argentino em número de títulos da competição pela primeira vez. Após o título do **Botafogo**, o Brasil chegou a 24 taças, contra 25 da Argentina.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

BRASILEIRÃO

Em 2024, a Série A bateu o recorde de atletas estrangeiros inscritos: 144, superando a edição de 2023, que teve 122 representantes. A marca deve ser novamente superada em 2025, com nomes de peso como **Memphis Depay**, do Corinthians.

UM SONHO DE LIBERDADE

Koosha Delshad: de Teerã para São Paulo, o iraniano quer viver do futebol

DOIS ANOS DEPOIS DE ENFRENTAR ATAQUES XENOFÓBICOS NO PIAUÍ, O TÉCNICO IRANIANO KOOSHA DELSHAD SOFREU PARA VOLTAR A TRABALHAR. ESQUECIDO MESMO COM LICENÇAS DA CBF, ELE PRECISOU SUPERAR UMA DEPRESSÃO E DAR AULAS EM UMA PEQUENA ESCOLINHA EM SÃO PAULO PARA SE RECOLOCAR NO MERCADO PROFISSIONAL

Por: Klaus Richmond / Fotos: Alexandre Battibugli / Design: LE Ratto

A o caminhar pela Avenida Escola Politécnica, na zona oeste de São Paulo, Koosha Delshad, 41, cumpriu quase que uma liturgia durante sua rotina diária nos últimos sete meses. O técnico iraniano de futebol percorreu, dia após dia, exatos 3,4 km a pé do local onde mora, em Osasco, até a escolinha onde dava aulas. Sempre utilizando um fone de ouvido sem fio, embalou uma playlist curiosa que ia desde Raça Negra – a canção preferida é "Cheia de Manias" (popularmente conhecida como "Dididiê") –, passando por Roberto Carlos, pelo cantor iraniano Ebi, até nomes como Bob Dylan, U2 e Pink Floyd.

A caminhada foi uma forma de economizar no transporte, devido ao pequeno valor mensal que recebia pelas 11 aulas semanais para garotos entre 5 e 15 anos, utilizado quase que integralmente para pagar o aluguel que divide com a mãe. Mas também virou uma terapia improvisada em tempos difíceis.

Dois anos depois de ganhar notoriedade nacional ao pedir demissão e desabafar publicamente contra ataques xenofóbicos recebidos durante uma partida da primeira divisão do Campeonato Piauiense – foi chamado de "homem-bomba" e "terrorista" por uma parte dos torcedores do Comercial-PI por ser iraniano –, o treinador lutou bravamente para vencer outro adversário: o esquecimento.

Se na ocasião concedeu entrevistas a grandes jornais e emissoras, recebendo enxurradas de ligações de companheiros de profissão, além do apoio público de entidades como a Confederação Brasileira de Futebol e a Federação Paulista, por meses viveu a sensação de parecer invisível. "Vivi momentos de angústia e de enorme solidão depois de toda a repercussão daquele caso. Me lembro que, na conversa que tive com Mauro Silva (vice-presidente da FPF), ele me falou: 'Você é muito jovem, tem um grande caminho pela frente'. Mas as coisas simplesmente não aconteceram", disse à PLACAR.

Em março de 2023, menos de um mês depois das ofensas no Piauí, ele assumiu o Fernandópolis com a missão de disputar a Bezinha (como é chamada a quarta divisão do Estadual de São Paulo). Aprovou jogadores, treinou a equipe, idealizou o plano tático, mas acabou demitido pouco antes da estreia. "A diretoria ficou receosa que [novos ataques] pudessem acontecer e precisassem arcar com multas pesadas. Falaram que a FPF era mais rigorosa. Pensei: errei em ter revelado aquilo? Saindo de lá, foi o começo de uma depressão, pensava que era um perdedor. Não saía de casa, não saía do quarto, e isso também afetou o meu relacionamento com minha companheira", conta.

Delshad chegou ao Brasil em março de 2014 com a esperança de encontrar no país uma vida mais digna, e com liberdade, após uma infância marcada por memórias da guerra entre Irã e Iraque, que vitimou quase 1 milhão de pessoas entre militares e civis, motivada por disputas territoriais, políticas e religiosas. "Por muitas vezes estávamos jogando bola na rua e quando víamos um avião fugíamos abandonando tudo, nos escondíamos com medo. Por isso senti tanto as ofensas naquele jogo, entende? A guerra trouxe muitos problemas psicológicos ao meu povo. Eu consegui superar, mas há muitos que não conseguem", conta, em português suficientemente compreensível.

Sem novas ofertas após deixar o time do interior paulista, ele passou literalmente a correr. Foram horas na esteira da academia para tentar driblar os piores momentos da depressão, mas as portas dos clubes que procurava seguiam fechadas. "As pessoas olhavam as minhas fotos e diziam: 'Que vida, como você está bem...'. E não sabiam que sofria por dentro com minha saúde mental. Os exercícios me ajudavam a não congelar."

Ele precisou dar aulas como personal trainer mesmo tendo investido mais de R$ 20 000 para obter as licenças A, B e C da CBF Academy, braço educacional da entidade e responsável pela formação dos profissionais de futebol. Nos treinos na escolinha, ainda era comum vê-lo usando boné e shorts do curso, além de tentar aplicar conceitos.

PLACAR acompanhou uma das aulas no fim de janeiro. Curvado próximo a duas crianças, Koosha apontava insistentemente para o outro lado do pequeno campo de futebol society para fazê-los assimilar um dos conceitos: "Ei, ei... estou falando com vocês". A ideia era fazê-los carregar a bola com os pés em velocidade da linha de fundo ao meio-campo, seguido por uma mudança de direção e um trabalho de um contra um. Quem chegasse primeiro na bola levava vantagem. Um dos pais sentados do lado de fora comentou: "Ô, Koosha, acelera que eles querem jogo". O treinador sorriu. "Aqui no Brasil há uma pressão diferente de qualquer outro lugar do mundo. Mesmo com crianças, os pais ficam em cima como se fosse profissional. Considero errado, mas aqui é assim. Eu amo esse ambiente e o futebol, por isso nunca parei de estudar. Sempre busco mais vídeos e aperfeiçoamentos para meus treinos."

Um suspiro de esperança ocorreu em 2024 quando trabalhou por um período no sub-20 da Esportiva Guaratinguetá. O projeto ruiu rapidamente por problemas financeiros. Acumulou funções e não recebeu o pagamento integral combinado. "Somos humanos. Perguntei a mim mesmo: 'O que vai acontecer agora? Vai ser sempre assim?' Mas sempre ensinamos como técnicos que os jogadores não podem desistir. Não gosto de vitimismo e acredito em sonhos: sonho que vou chegar a um clube que tem muitos torcedores, um ambiente incrível. Existe uma música brasileira que gosto: 'Sua hora vai chegar'. E a minha vai", pondera.

O iraniano chama o Brasil de lar. Tem o documento brasileiro e explica que, mesmo que receba propostas para trabalhar fora do país, retornará a São Paulo como seu lugar de origem – e não ao Irã. "Meu coração é brasileiro, me sinto um brasileiro. Os jogadores com quem trabalhei brincam que

"SEMPRE ENSINAMOS COMO TÉCNICOS QUE OS JOGADORES NÃO PODEM DESISTIR. NÃO GOSTO DE VITIMISMO E ACREDITO EM SONHOS"

'A CORAGEM DELE DEVERIA NOS INSPIRAR'

DIRETOR-EXECUTIVO DO OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL, MARCELO CARVALHO APONTA QUE A PRÉ-SELEÇÃO DE TÉCNICOS GRINGOS ACEITOS NO PAÍS ATRAPALHOU IRANIANO

"Recebemos denúncias de racismo e xenofobia contra técnicos estrangeiros em nosso país o tempo todo. Há, claro, tudo isso acontecendo, mas também existe um grande apoio aos técnicos argentinos, portugueses e de outras nacionalidades muito ligadas ao sucesso que fazem, à tradição que carregam. O problema é que como sociedade acabamos fazendo uma pré-seleção dos estrangeiros que servem, essa é a verdade. Será que olharíamos para venezuelanos aqui no Brasil da mesma forma como para os portugueses? Ou mesmo algum técnico africano, algo que não temos no momento nas principais divisões brasileiras? Os clubes e toda a nossa estrutura não estão preparadas para esse debate. A história do Koosha é incrível e se confunde com a de nomes como Aranha, Márcio Chagas e tantos outros negros que levantaram a voz. A coragem que ele teve deveria nos inspirar, fazer com que os dirigentes lhe abrissem portas. Não pela história de enfrentar os ataques no Piauí somente, mas pela coragem de sair de seu país, se adaptar ao nosso idioma e fazer todas as licenciaturas necessárias para trabalhar. E, mesmo assim, não lhe dão a oportunidade que esperamos que seja dada? Dizer que não está preparado é só uma desculpa em um caso como o dele, o problema é muito maior. Há diversos treinadores medíocres empregados, há anos no mercado sem ganhar absolutamente nada, enquanto outros sofrem com tudo isso. As pessoas ainda não estão preparadas para nomes como Roger, Vinicius Júnior e tantos outros."

Marcelo Carvalho: referência na luta contra o preconceito

sou mais brasileiro que muito brasileiro. Gosto da comida, da cultura, dos lugares... De MPB, de samba, de funk, feijoada. Apesar do que já aconteceu comigo, aqui há liberdade", relata o treinador, que tem tatuada em persa a frase "mulher, vida, liberdade", *slogan* de protesto usado por ativistas após a jovem Mahsa Amini ser detida e morta em setembro de 2022 por integrantes da polícia religiosa no país por supostamente não usar o hijab, o véu islâmico.

Ao fim do treino, Koosha liberou a bola para que alguns dos meninos seguissem jogando na quadra. Apontou discretamente para um deles: "Está vendo aquele ali? Ele não pode pagar, ganhou bolsa para estar aqui". E chorou. Formado como engenheiro elétrico, tentou ser jogador profissional no país, mas viu seu primeiro sonho interrompido por inúmeras dificuldades enfrentadas pelo pai, um militar.

Ser treinador é para ele como uma nova oportunidade de ajudar para que novos sonhos não se percam. "O meu objetivo é ajudar as crianças, os jogadores mais jovens. Eles têm o futebol no sangue, mas poucos recursos. E eu sei o que é começar do zero. Compreendo as dificuldades dele e sinto que preciso fazer alguma coisa", diz.

Em seu país, trabalhou em equipes de base entre 2008 e 2013. No Brasil, precisou ajudar em uma fábrica de tapetes persas antes de cursar as licenciaturas exigidas. Tem passagens como auxiliar e analista no Cascavel CR, do Paraná, como técnico do sub-15 e sub-17 do CFA Manchister, de Santa Catarina, e fez estágios obrigatórios no sub-13 do Palmeiras e no elenco profissional do São Bernardo, então na Série D. Mas sonha com mais.

Antes de ir embora, cumprimentou o dono do espaço: "Estamos trabalhando por dias melhores, não é, Koosha?". O iraniano balançou positivamente a cabeça, sorriu e respondeu antes de seguir a caminhada para casa: "Sim, a minha hora vai chegar". Dias depois da visita da reportagem, o treinador recebeu um convite para treinar a equipe sub-17 do Manthiqueira, de Guaratinguetá, que disputa a quinta divisão paulista. "A PLACAR foi pé quente, espero que possamos fazer mais entrevistas no futuro", contou, ao telefone. ■

DIVULGAÇÃO

Mãos à obra: o ex-jogador colhe uvas em Montaldo Scarampi, a uma hora de Turim

PER AMORE

HERNANES, O PROFETA, PAROU DE JOGAR FUTEBOL PROFISSIONALMENTE EM 2021, MAS NEM POR ISSO SE NEGA A MOSTRAR SUA PAIXÃO EM CAMPOS ENLAMEADOS DA SÉTIMA DIVISÃO DO ITALIANO. O CARINHO PELO ESPORTE É O MESMO COM O QUAL ADMINISTRA UMA VINÍCOLA, UM RESTAURANTE E UM HOTEL NOS ARREDORES DE TURIM

Por: André Avelar, de Turim
Design: LE Ratto

Hernanes atuou em diferentes posições durante sua carreira de jogador profissional. Três anos depois da aposentadoria, a multifunção segue como uma das virtudes de quem se entrega a tudo que faz. Pai de cinco filhos, dono de uma vinícola, um restaurante e um hotel, o Profeta, como é apelidado desde os tempos de São Paulo, mostra em uma visita de PLACAR a Turim que faz tudo por amor. Ou *per amore*, já como um autêntico cidadão italiano. A paixão é tamanha que ele ainda abdica dos domingos tranquilos para matar a saudade da bola e se divertir na sétima divisão do país.

O time em que joga é o ASD Sale, cujos donos são amigos do Profeta e clientes de seus negócios. A estrutura, como ele próprio lembra, tem lá suas similaridades com a várzea em termos de qualidade dos campos e estrutura, mas o diferencial está na organização. Na Prima Categoria, é possível subir de divisão nas ligas regionais e nacionais e até sonhar com uma pra lá de distante Série A. O objetivo, no entanto, é apenas se distrair.

"Está começando a ficar sério, porque terminamos o primeiro turno na liderança e já pensei em focar só mais um pouquinho", brincou Hernanes, sem nem querer ouvir falar das divisões Promozione ou Eccellenza – essa última, uma antes da Série D. Nas peladas, ele geralmente suja as camisas alvinegras de número 8 ou 15, algumas de suas preferidas dos tempos de Série A. "*Nesse time, jogo mais adiantado, perto do gol.*"

Foi no elegante bairro da Crocetta, cercado por galerias de arte, um mercado a céu aberto e casarões ao estilo *art nouveau*, do século 19, que Hernanes encontrou a reportagem em uma cafeteria tradicional para contar as histórias de quem pendurou as chuteiras, ou quase isso. Com um italiano para lá de fluente, é capaz de pedir "o de sempre" só por leitura labial. Os garçons e os clientes o reconhecem, ainda que mantenham a frieza compatível com os 3 °C do lado de fora do estabelecimento.

Resistente aos itens de *pasticceria*, o ex-jogador explica que não escolheu Turim. Foi a capital da região do Piemonte, à sombra dos Alpes fronteiriços com a Suíça, que o escolheu. "Na Itália, ainda não tinha comprado casa mesmo tendo vivido em Roma e em Milão. A primeira casa que comprei foi aqui em Turim. Por isso, junto da família, dos filhos e dos investimentos aqui, foi um destino natural que me acolheu quando parei de jogar. Sinto que estou em casa", disse.

De início, o meio-campista, que ainda comemora os gols com suas cambalhotas aéreas, foi resistente à ideia de voltar a atuar, com o receio de não se dedicar tanto quanto os companheiros. O elenco, formado em sua maioria por trabalhadores de outras profissões e alguns jovens que mantêm remotos sonhos dentro do futebol, aceitou prontamente o reforço dominical liberado da parte mais exaustiva do futebol.

"Na minha cabeça, para jogar bem, tinha que estar muito preparado. Foram 20 anos pensando na alimentação, sono, treino, ganhar o jogo. Hoje, chego faltando 15 minutos, jogo e de alguma maneira ajudo o time. Se ganhar, fico feliz. Se perder, fico só menos feliz, mas porque a gente naturalmente quer vencer", disse, apesar de ainda estar fininho.

Natural do Recife (PE), Anderson Hernanes de Carvalho Viana Lima, que em maio completará 40 anos, foi revelado pelas categorias de base do São Paulo e subiu ao time profissional em 2004. Em três passagens, somou 330 jogos, 56 gols, 38 assistências e três títulos: Brasileirão 2007 e 2008 e Paulistão 2021.

DIVULGAÇÃO

Joga de terno: Hernanes também se arriscou no ramo da gastronomia

Na Lazio, tornou-se ídolo na histórica campanha da Copa da Itália 2013, com título em cima da rival Roma. Foi transferido para a Inter de Milão, quando foi efetivado como *trequartista*, como os italianos chamam o meia-atacante clássico.

Já na Juventus, sob o comando de Massimiliano Allegri, foi recuado no meio-campo, visto pelo treinador como "novo Andrea Pirlo". A nova adaptação foi aceita e terminou com o Italiano e a Copa da Itália também em 2016. Antes da chegada e partida do São Paulo, também atuou no Hebei Fortune, da China, e encerrou a carreira em sua cidade natal, no Sport, em dezembro de 2021.

Tendo atuado em três times na Itália, *Il Profeta* descobriu a paixão pelo vinho. De tanto se cuidar fisicamente, via a bebida como prejudicial para a sua carreira. "Alguém me explicou que era um processo mais natural, podia ser até artesanal, e isso me despertou uma curiosidade. Comecei a experimentar e não teve volta. Quis aprender mais, conhecer novos vinhos, novas uvas, vinícolas, e assim fui até estar dentro do mundo dos restaurantes. Virou a combinação perfeita: restaurante, boa comida, vinho, falando de futebol. Em 2015 comprei uma casa de campo que já tinha um vinhedo com as parreiras."

Daí uma mostra do quanto se entrega por uma paixão e quer logo aprender o máximo possível. Hoje, a Ca' Del Profeta, sua vinícola localizada em Montaldo Scarampi, a uma hora de carro de Turim, tem 4,5 hectares de vinhedos de três tipos de uva e produz 10 000 garrafas anualmente, separadas em quatro rótulos. A produção é considerada pequena, ainda que brinde o ex-jogador com grandes momentos de felicidade, como no seu bistrô Luogo Divino, um trocadilho que une "Lugar Divino" a "Lugar de vinho". "Não tenho um preferido, cada vinho tem sua própria característica e harmonização", mostra o pai orgulhoso. As garrafas podem ser adquiridas no Brasil pelo site da vinícola e custam entre R$ 90 e R$ 334.

Além da sétima divisão, Hernanes está envolvido de outra maneira no futebol. Depois de adquirir a licença B da Uefa para treinadores e auxiliares, o ex-jogador se dedica a comentar nas redes sociais, diante de uma TV em que faz marcações na tela, lances bastante específicos de partidas em que há um gesto técnico ou uma escolha errada de um jogador. Com bagagem para apontar a falha sem menosprezar um companheiro de profissão, acaba ajudando na formação de jovens talentos.

O surgimento dessa ideia veio da observação de um futebol cada vez mais metódico, em que treinadores tomaram o protagonismo dos atletas. O tom um tanto exótico – de quem escovava os dentes com os pés para aprimorar a coordenação motora – segue sua marca registrada. Em um dos vídeos, ele utiliza uma caixa de ferramentas para fazer uma analogia com o potencial a ser explorado pelos atletas. "No Brasil, a maior parte dos jogadores vem de uma camada social em que tem

TÍTULOS

SÃO PAULO
Brasileirão (2007 e 2008) e Paulistão (2021)

LAZIO
Copa da Itália (2012/13)

JUVENTUS
Italiano (2015/16) e Copa da Itália (2015/16)

SELEÇÃO
Copa das Confederações (2013) e bronze nos Jogos Olímpicos (2008)

DIVULGAÇÃO

Na várzea e analisando vídeos: o Profeta não abandonou o futebol

REPRODUÇÃO / INSTAGRAM

PROFETA TRICOLOR

EX-JOGADOR RELEMBRA O CARINHO DA TORCIDA NA SUA SEGUNDA PASSAGEM PELO SÃO PAULO, QUANDO LIVROU O TIME DO INÉDITO REBAIXAMENTO

Ainda que mergulhado na cultura italiana, Hernanes não esconde o imenso carinho pelo São Paulo Futebol Clube. Muito além do fato de aos 15 anos ter-se mudado de Recife para a capital paulista atrás do sonho de ser jogador de futebol. No Brasileirão 2017, o jogador foi o reforço fundamental para evitar o inédito rebaixamento à Série B e, por mais que já tivesse sido bicampeão nacional, entrou de vez na galeria de ídolos do clube.

Hernanes chegou em julho por empréstimo junto ao Hebei Fortune. Dez dias depois de sua apresentação, reestreou marcando o gol da virada do São Paulo sobre o Botafogo (4 a 3), no Nilton Santos. O impacto foi tão grande, que o meio-campista ainda marcaria sete gols nos seus sete primeiros jogos. Ali o clube começava a se livrar da ameaça de rebaixamento. Ao todo, foram 14 das 38 rodadas entre os quatro últimos colocados. O time acabou na 13ª colocação.

"Procuro as palavras para tentar expressar o que foi a segunda passagem pelo São Paulo. Foi muito lindo, foi muito mágico, foi milagroso, até. Foi como um evento astronômico com tudo alinhado. Voltei e consegui ter uma contribuição muito importante. Foi emocionante e, assim como o torcedor, também não me esqueço daquele momento", disse.

Antes mesmo do fim do estipulado por contrato, o jogador teve de voltar ao time chinês por um pedido do clube. No final de 2018, retorna ao Morumbi em definitivo e, com uma sequência de lesões e sem a titularidade, teve o contrato rescindido com o São Paulo. A aposentadoria do futebol profissional se deu no Sport, em dezembro de 2021.

ANDRÉ AVELAR

Saudades: Hernanes relembrou fotos dos arquivos de PLACAR

que driblar. Tem que driblar a vida. Pode ser que a gente sobreviva por causa disso. Agora, aqui na Europa, esquece. Vai ser mesmo cada vez mais mecânico."

Mesmo na época de São Paulo, o jogador contava com o que chamava de cientista, o treinador J. Alves, para analisar os seus movimentos. Durante os treinos, era comum ver o jogador destro executando diferentes atividades com a mesma habilidade tanto no pé direito quanto no esquerdo. Já na Inter de Milão, em 2015, marcou o seu primeiro gol de falta com a perna ruim.

"NA MINHA CABEÇA, PARA JOGAR BEM, TINHA QUE ESTAR MUITO PREPARADO. SE GANHAR, FICO FELIZ. SE PERDER, FICO SÓ MENOS FELIZ"

Pode ser que toda essa inquietação resulte no futuro em um centro esportivo. Entre um gole e outro, uma pelada e outra, a meta do ex-jogador é mesmo ensinar futebol (e muito mais) pelo menos nos próximos dez anos. "Como às vezes o jovem não tem nem o básico, ele não tem capacidade de estudar, ter instrução e conhecimento. Quero ensinar futebol e a vida para essa molecada. Quero entender o meu próprio caminho e nova contribuição para o futebol, jogadores e sociedade." ■

GERAÇÃO Z

KINGS WORLD CUP NATIONS

Seleção brasileira conquistou 1ª Copa do Mundo da Kings League

DIVULGAÇÃO

ELES QUEREM O MARACANÃ

A KINGS LEAGUE, ORGANIZAÇÃO DE FUTEBOL 7 QUE REÚNE *STREAMERS* E LENDAS DO FUTEBOL, MAL ENCERROU UMA ESTRELADA EDIÇÃO NA ITÁLIA E JÁ PENSA NA LIGA BRASILEIRA DE 2025

Por: André Avelar, de Turim (Itália) / Design: LE Ratto

Com Neymar e Kaká na função de embaixadores, a Kings League já arruma as malas para desembarcar no Brasil e iniciar seu torneio entre clubes do país em março. A "nova forma de viver o futebol", como enfatiza o presidente da entidade Gerard Piqué, se mostrou empolgante nas primeiras Copas do Mundo de times, no México, e, mais recentemente, na de seleções, na Itália. Para ajudar ainda mais na divulgação do torneio com regras próprias para o futebol 7, a seleção brasileira conquistou o inédito título ao vencer a Colômbia por 6 a 2 na Allianz Arena, o estádio da Juventus, em Turim.

O sonho de Piqué para sua liga dos reis é ainda maior. Aos 37 anos, aposentado há dois, o ex-zagueiro da seleção espanhola e do Barcelona garante que nem sequer calça chuteiras para bater uma bola e virou a mente para os negócios. A Kings League, na sua visão, é um produto que jamais irá concorrer, mas sim agregar ao futebol tradicional. Mais do que isso, pode virar um segundo esporte favorito como futsal e futebol de areia em outros tempos. Por isso, a grande consagração seria uma partida no Maracanã – local que, curiosamente, não traz boas recordações ao zagueiro, expulso na derrota por 3a0 para o Brasil na Copa das Confederações de 2013.

"Um estádio que gostaria de encher é o Maracanã. Agora que a Kings League Brasil está começando... Bem, não sei, talvez pudéssemos realizar uma final da Kings League Brasil ou da Kings World Cup Nations lá. O Brasil é um país onde o futebol é muito importante. É religião", disse Piqué. Além do Rio, São Paulo, Paris e Tóquio também são candidatas a receber as próximas edições da Copa do Mundo.

Aos que ainda não cruzaram com a nova febre entre os jovens, cabe a apresentação. Na Kings League, produtores de conteúdo e jogadores renomados do futebol montam os seus times e até batem penalidades quando chamados — o meia colombiano James Rodríguez, por exemplo, perdeu um "pênalti do presidente" ao longo da competição disputada em piso de grama sintética até a grande final. Essa é só uma das formas de "gameficação" que o jogo de dois tempos de 20 minutos propõe e que tanto atrai os mais jovens. Em cartas sorteadas antes do lançamento da bola através de uma catapulta, os times podem ser beneficiados com o *shootout*, a suspensão de um jogador adversário, gol dobrado ou ainda a carta coringa. Outra inovação é a partida começar com um jogador de linha e um goleiro, com um atleta sendo acrescentado a cada minuto até se chegar a sete para cada lado.

Outros templos do futebol tradicional já foram utilizados, e com grandes públicos. Em Monterrey, 51 237 pessoas estiveram presentes para acompanhar as finais no estádio BBVA, o Gigante de Aço, onde joga o principal clube da cidade. E 40 153 torcedores lotaram a Allianz Arena, em Turim, para assistir à decisão e a uma partida amistosa no "show do intervalo" com lendas da casa como Gianluigi Buffon, Andrea Pirlo e Alessandro Del Piero e *streamers* conhecidos internacionalmente. Por aqui, a expectativa é que Neymar e Kaká apareçam de alguma forma.

Essa mescla, aliás, é uma das características da Kings League e será repetida com nomes nacionais na versão brasileira, ainda sem data definida. Entre os antecipados, estão o do próprio Alexandre Borba, o Gaules, um dos presidentes da seleção brasileira e quem comanda a G3X, principal equipe no país em nível de organização e estrutura. "O Gaules agora quer construir um CT [centro de treinamento] fixo para a G3X. A própria Kings League está espantada com isso", disse uma fonte ouvida pela reportagem.

Cris Guedes (Furia), Coringa (Loud), Nyvi (Nyvelados), Luqueta e Paulinho (Dendele), Nobru e Cerol (Fluxo), Desimpedidos (Resenha), além de Jon Vlogs, KondZilla e da cantora Ludmilla com OEstagiário (cujas equipes ainda não têm nome) são alguns dos *streamers* mais acessados do país

DIVULGAÇÃO

Ex-jogador Gerard Piqué é o king do campeonato de futebol 7

que terão times na versão brasileira da Kings League. Além do Brasil, Américas, Espanha e Itália também têm ligas nacionais, somando 90 clubes, em 25 países. "A nossa liga será um marco para a Kings", disse Guedes.

Cobrado por internautas em uma de suas lives, Casimiro Miguel explicou a ausência de um time próprio na competição. A Cazé TV, que leva a marca do influenciador de 31 anos e terminou 2024 como segundo canal no YouTube mais assistido no Brasil, será a emissora oficial do evento. "Achamos melhor não ter um time nesse momento. Se no futuro enxergarmos essa possibilidade, pode ser", diz Cazé, que afirma discordar do sistema de *draft* do evento.

As dez equipes escolhem de duas a três estrelas para seus times e os outros dez jogadores através de escolha por ordem definida em sorteio. Olheiros e os presidentes dos clubes estiveram reunidos em São Paulo para uma peneira que teve mais de 3 500 atletas amadores para já fazer suas anotações de olho no dia da escolha. Paralelamente, alguns dos melhores jogadores, como Kelvin Oliveira, o K9, são disputados por presidentes com salários que variam de R$ 25 000 a R$ 80 000 mensais, variando de acordo com o tempo de contrato para a disputa de outros torneios de fut7.

A KINGS EM NÚMEROS

3,5 MILHÕES
ASSISTIRAM AO TORNEIO NA CAZÉ TV

6 MILHÕES
FOI O PICO DE ESPECTADORES SIMULTÂNEOS

100 MILHÕES
DE PESSOAS ASSISTIRAM AO TORNEIO

910 MILHÕES
VÍDEOS VISUALIZADOS NAS REDES SOCIAIS DA KINGS LEAGUE

ÍDOLO ENTRE OS BOLEIROS

Sucesso na Kings League fez K9 ultrapassar atacantes de renome em número seguidores no Instagram

PEDRO (Flamengo): **7 milhões**
YURI ALBERTO (Corinthians): **3,2 milhões**
CALLERI (São Paulo): **2,2 milhões**
KELVIN OLIVEIRA (G3X): **1,7 milhão**
CANO (Fluminense): **1,1 milhão**
VEGETTI (Vasco): **756 mil**
TIQUINHO SOARES (Santos): **611 mil**
FLACO LÓPEZ (Palmeiras): **545 mil**
IGOR JESUS (Botafogo): **387 mil**

CABE NO SEU TIME... MAS ELE NÃO QUER

KELVIN OLIVEIRA, O K9, PASSOU PELA BASE DO MILAN QUANDO ADOLESCENTE E ESTEVE PERTO DO TIME PROFISSIONAL DO GRÊMIO. FALTA DE OPORTUNIDADE NO CAMPO O LEVOU PARA O FUTEBOL 7, MODALIDADE EM QUE HOJE É ÍDOLO

K9, com os troféus em Turim, já havia sido personagem do 'Futebol Z' na edição de julho de 2024 de PLACAR (ed. 1513)

O futebol brasileiro tem um atacante, camisa 9, que marcou 19 gols em cinco jogos na última Copa do Mundo de que participou, mas não está em nenhum clube da elite do futebol mundial. E nem quer. Kelvin Oliveira, o K9, é bastante consciente das diferenças do futebol tradicional e do futebol 7 e, talvez por isso, deixa para os torcedores imaginarem como teria sido sua carreira no campo. "Entendo que, se ficasse no campo, poderia dar certo ou não. Era uma aposta. Uma transição", disse o atleta de 29 anos, artilheiro e MVP da Copa do Mundo de seleções da Kings League.

Kelvin fez as categorias de base para se tornar jogador de futebol de campo. Aos 16 anos, depois de sucesso em times de sua cidade natal, Ipatinga (MG), foi levado por empresários para um período de testes no Milan. Sem a cidadania italiana, voltou e continuou sua formação no Cruzeiro. A falta de oportunidades o fez migrar para o *society* em 2020. Três anos depois, já tendo conquistado títulos na modalidade, integrou o time sensação do Grêmio, com os ex-jogadores Douglas e Maicon. O empurrãozinho dos companheiros de time o levou para um período de observação na equipe do então técnico Renato Gaúcho.

"A Kings League foi uma virada de chave na minha vida pessoal e profissional. Sou muito feliz e orgulhoso de ter alcançado esse prestígio", afirma o atleta que chegou a ser cotado para substituir o titular Luis Suárez, quando o uruguaio passou o primeiro semestre daquele ano com problemas no joelho. "Tive essa passagem no Grêmio, fiz bons treinos, mas algumas coisas até difíceis de explicar aconteceram e não deu certo."

O atleta ainda foi contratado para disputar a Série C pelo São José. Como lateral-esquerdo, que fazia as vezes de ponta, atuou em seis partidas da Copa Federação Gaúcha, marcou um gol e voltou para o fut7. "Cheguei no final da temporada, atuei em uma posição que não era a minha, mas assim é a vida. Ainda bem que tomei a decisão de seguir no fut7, e hoje, se me chamarem para jogar na Série A do Brasileirão, não aceitaria."

Em julho do ano passado, quando PLACAR apresentou o "Futebol Z", esse futebol gameficado com regras diferenciadas em que torcedores nascidos nos anos 2000 se engajam cada vez mais, Kelvin "furou a bolha". Jogador da G3X, assim como os parceiros Andreas Vaz e Matheus Rufino, todos confirmados como estrelas para a Kings Brasil, Kelvin marcou o gol da vitória da equipe brasileira para lá dos acréscimos e eliminou os espanhóis da Ultimate Móstoles nas oitavas de final da versão clubes da competição. Na final, contra a Porcinos, no estádio do Monterrey, na Cidade do México, o time acabou superado, mas a história já estava escrita.

Ídolos do futsal ao futebol, de Falcão a Neymar, mandaram mensagens parabenizando o jogador pela campanha que lhe rendeu pela primeira vez os troféus de artilheiro e de MVP – foram 13 gols em seis jogos. Ali, o jogador já viu suas redes sociais crescerem. Hoje, depois do sucesso no Mundial de clubes e de seleções, já são 1,7 milhão de seguidores no Instagram, mais que muito goleador de time grande.

O atacante, campeão de tudo que era possível em sua modalidade, quer ainda mais títulos e deixar um legado no seu esporte. "Quero que, quando as pessoas se lembrarem de futebol 7, se lembrem do meu nome. Ser uma pessoa que representa essa modalidade seria algo muito bacana para mim, que me daria muito orgulho." ■

GEOPOLÍTICA

GETTY IMAGES

O FUTEBOL RESISTE

Há mais de uma década longe de Donetsk, o Shakhtar, antes o 'clube mais brasileiro da Europa', dribla uma logística insana e todos os problemas da guerra Ucrânia x Rússia para se manter relevante. Brasileiros que seguem no time narram percalços

Por: Enrico Benevenutti / Design: LE Ratto

“O jogo contra o Dnipro para mim foi marcante. A sirene não parava de tocar, de cinco em cinco minutos. O jogo rolando, sirene e bunker.” O relato é de Marlon Gomes, brasileiro cria do Vasco da Gama e hoje no Shakhtar Donetsk, um dos maiores times da Ucrânia e o segundo maior campeão nacional – atrás do Dínamo de Kiev. Marlon chegou ao Shakhtar em janeiro de 2024 e precisou se adaptar a uma dura realidade fora dos campos.

Oficialmente, a guerra entre Ucrânia e Rússia dura três anos, mas os conflitos entre os países já causam abalos há mais de uma década. Em 2014, quando a região da Crimeia foi anexada pelo governo de Vladimir Putin e o então presidente ucraniano pró-russo Viktor Yanukovych foi destituído, uma série de protestos estourou no leste do país, na região de Donbas, onde está localizada a cidade de Donetsk.

Foi então que o Shakhtar precisou abandonar seu lar. A equipe ficou hospedada inúmeras vezes em Lviv, Kharkiv e na capital Kiev. Jogar sempre como visitante se tornou o novo normal. Em 2022, quando os russos invadiram a Ucrânia e a guerra se oficializou, de olho em competições europeias, o Shakhtar precisou então mudar de país. Até o momento, os pouco confiáveis números oficiais apontam mais de 1 milhão de mortos no conflito, entre soldados e civis. As cidades mais atingidas foram Luhansk, Donetsk, Mariupol, Melitopol e Kherson, na região leste do país.

Na primeira temporada, Hamburgo, na Alemanha, foi a casa dos ucranianos. Na seguinte, Cracóvia, na Polônia. Agora o Shakhtar volta a enfrentar uma complicada logística atuando em Gelsenkirchen, novamente em território alemão.

“Outro episódio marcante foi quando eu estava em casa, foi uma das primeiras vezes que eu escutei uma bomba. No dia seguinte fiquei sabendo que ela caiu a uns 20 km do meu apartamento”, conta Marlon Gomes. Aos 21 anos, o meia foi convencido a ir para o Shakhtar ao conversar com outros dois brasileiros: Eguinaldo e Kevin. O clube ucraniano, que já foi o “mais brasileiro da Europa”, com nomes de peso como Elano, Jadson, Douglas Costa, Fernandinho e outros, segue apostando em nosso futebol.

Ao todo, o elenco soma sete compatriotas: além do trio, Pedro Henrique, Vinicius Tobias, Newerton e Pedrinho – sem falar em outros emprestados, como o volante Maycon, do Corinthians. “Vir para cá foi uma decisão muito difícil. Perguntei como estava a situação e disseram que

Contraste: Kevin e Vinícius Tobias comemoram, em meio a pedidos de paz nas arquibancadas

estava mais tranquilo, que ficaríamos mais perto da Polônia. Resolvi vir pelo projeto de competição do Shakhtar, disputar a Champions League. Era um sonho para mim", conta Marlon.

Pedrinho chegou ao clube antes de Marlon, em 2021, mas esteve emprestado ao Atlético Mineiro por duas temporadas. A negociação foi possível porque a Fifa passou a permitir que técnicos e jogadores estrangeiros suspendessem seus contratos de forma unilateral com clubes russos ou ucranianos. O Shakhtar chegou a cobrar uma indenização milionária da entidade por causa dos prejuízos com a medida.

Ao contrário dos clubes da Rússia, proibidos pela Uefa de participar das competições europeias como punição aos atos do governo Putin, os representantes da Ucrânia seguem liberados. O Shakhtar foi o único representante do país na atual Champions League – caiu na fase de grupos, em 27º entre 36 equipes. Em meio ao Campeonato Ucraniano, disputado no próprio país apesar dos cenários de guerra, o time enfrentou uma logística complicada e cansativa entre as idas e vindas até a Veltins-Arena. "Em casa", o time venceu Brest e Young Boys e foi goleado por Atalanta e Bayern de Munique.

Eterno visitante: Shakhtar, de Marlon Gomes, mandou seus jogos na Alemanha

GETTY IMAGES

GETTY IMAGES

GETTY IMAGES

Com o espaço aéreo ucraniano fechado, a delegação do Shakhtar precisou sair de Lviv e cruzar a fronteira com a Polônia de ônibus, passando por Medyka até chegar a Cracóvia, para então pegar o avião até a Alemanha. "O problema não é a quantidade de viagens, mas sim a quantidade de horas que a gente passa viajando. Sempre são umas oito horas de ônibus e mais três horas de avião, e repete para voltar. Tem jogos dentro da Ucrânia que são 13 ou 14 horas de ônibus. A locomoção é o mais complicado", diz Pedrinho.

No novo formato da Champions League, com oito rodadas, quatro em casa e quatro como visitante, apenas para atuar na Veltins-Arena como mandante, o Shakhtar Donetsk viajou mais de 10 000 quilômetros no total. No Campeonato Ucraniano, a equipe cruza todo o país com frequência para jogar do lado leste, em cidades como Dnipro ou Poltava, a 900 quilômetros de distância de Lviv, onde o clube atualmente está estabelecido. "Dependendo do lugar, dá para sentir a tensão. Algumas vezes tocam as sirenes. Poucas vezes passamos por cenários destruídos, mas ficamos sempre em alerta. É mais o receio de acontecer algo", relata o ex-Galo.

Apesar das tensões, a dupla brasileira conta que os episódios com mísseis e bombas são raros. Certa vez, ao longo do ano, a dupla precisou descer as escadas do hotel, às pressas, para passarem a noite em um bunker. Eles contam que utilizam o aplicativo de comunicação dos ucranianos, com mensagens e alertas em caso de bombas:

"A GENTE SE AJUDA, SE ABRAÇA, SE UM ESTÁ TRISTE E O OUTRO TE LEVANTA, A GENTE BRINCA E SE DIVERTE NA MEDIDA DO POSSÍVEL" – MARLON GOMES

UM CLUBE NÔMADE

PARA DISPUTAR CHAMPIONS E CAMPEONATO UCRANIANO, SHAKHTAR PERCORRE MAIS DE 1 400 KM ENTRE TRÊS PAÍSES

"Dependendo do lugar, nós sentimos as tensões, algumas vezes toca até a sirene, mas poucas vezes passamos por cenários com destroços".

A logística é um desafio menos doloroso do que a saudade, já que as famílias não se mudaram para a Ucrânia por questões de segurança: "Quando a gente jogava no Brasil, ficávamos um ou dois dias longe, por causa de uma concentração ou viagem, mas tanto tempo assim... Tem dia que o psicológico está ruim, quando perdemos e não jogamos bem, longe da família é mais complicado".

O que antes já era um sonho (jogar a Champions League) se tornou algo ainda maior para o meio-campista. "É nossa maior felicidade, porque viajamos para outro país e aí sim temos a chance de encontrar um ou outro familiar. Aqui a gente tenta se ajudar ao máximo. O nosso maior psicólogo somos nós mesmos. Se um está triste e o outro te levanta, brincamos e nos divertimos na medida do possível", desabafa Marlon, que interessa ao Botafogo e não descarta um retorno ao país.

"Não que a guerra não seja pesada, mas as reportagens aí no Brasil chegam muito fortes, deixam nossos familiares apreensivos. Nós que vivemos aqui temos muito medo, passamos por algumas cenas fortes, mas é uma vida normal. Vamos ao mercado, ao shopping, e se tocar a sirene, os lugares fecham por 10 ou 15 minutos. Se não tiver ataque, tudo volta ao normal. As pessoas vivem normal aqui, acho que já se acostumaram com isso. Para nós o começo foi bem difícil, mas essa é a nossa realidade agora", resigna-se Marlon Gomes. Recentemente empossado, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse que não medirá esforços para garantir um acordo de paz entre a Rússia e a Ucrânia. ■

EDIÇÃO: LUIZ FELIPE CASTRO

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

DIVULGAÇÃO/EDITORA PLANETA

MARCOS RIBOLLI

DIVULGAÇÃO / GLOBO

AS DORES DO IMPERADOR

Adriano revela na autobiografia *Meu Medo Maior* as passagens mais difíceis da sua vida. Organizado pelo jornalista Ulisses Neto, livro conta da infância pobre aos problemas com álcool e detalha a traumática morte do pai

Adriano Imperador é um cara excêntrico. Por mais que tenha lançado *Meu Medo Maior* (Editora Planeta), uma autobiografia de 504 páginas, é avesso a entrevistas. O livro sobre sua história, então, só poderia ser organizado por alguém que estivesse presente no seu dia a dia sem interferir na história que é contada. A naturalidade nos depoimentos, inclusive, é um dos pontos brilhantes da escrita do jornalista Ulisses Neto. À PLACAR, a editora cedeu um dos trechos mais tocantes da história que aborda infância pobre, Flamengo, seleção brasileira, Inter de Milão, morte do pai, milhões de euros, alcoolismo e mulheres.

Filho da Vila Cruzeiro: aos 42 anos, Adriano não abandona suas origens

DIVULGAÇÃO/EDITORA PLANETA

TRABALHAR DÁ UMA SEDE DANADA

Você sabe o que é ser uma promessa? Eu sei. Inclusive uma promessa não cumprida. O maior desperdício do futebol: eu.

Gosto dessa palavra, desperdício. Não só por ser musical, mas porque me amarro em desperdiçar a vida. Estou bem assim, em desperdício frenético. Curto essa pecha. Mas nunca amarrei uma mulher a uma árvore, como dizem. Não uso drogas, como tentam provar. Não sou do crime, mas, claro, poderia ter sido. Não curto baladas. Vou sempre ao mesmo lugar, o quiosque do Naná; se quiser me encontrar, dá uma passada lá.

Eu bebo todos os dias sim, e os dias não muitas vezes também. Por que uma pessoa como eu chega ao ponto de beber quase todos os dias? Não gosto de dar satisfação para os outros. Mas aqui vai uma: não é fácil ser uma promessa que ficou em dívida. Ainda mais na minha idade. Me chamam de Imperador. Imagina isso. Um cara que saiu lá da favela para ganhar o apelido de Imperador na Europa. Quem explica, cara? Eu não entendi até hoje.

Muita gente não sacou por que abandonei a glória dos gramados para ficar aqui sentado e bebendo em aparente deriva. Aconteceu porque em algum momento eu quis, e é o tipo de decisão difícil de voltar atrás. Mas não quero falar disso agora. Os meus motivos vão aparecer mais pra frente. Tenho que pegar um avião e ir pra São Paulo. Mais uma gravação de comercial. Vão me pagar o valor do seu apartamento para dizer que o futebol europeu também é importante para a favela.

Pensou que eu não trabalhasse mais, né? Tá errado, irmão. Anota esta: minha deriva e meu desperdício não são como você pensava. Toda semana tem alguma coisa para vender, uma entrevista para gravar, ou um post patrocinado para publicar. Minha assessora me liga e pede pelo amor de Deus para eu não me atrasar. O carro me espera lá embaixo. São dez da manhã de uma segunda-feira, e o voo decola daqui a uma hora e meia.

Porra, por que eu aceitei essa gravação? Não gosto de ter compromisso às segundas, meu dia de descanso. Terça? Não me ligue. Ignoro todo mundo. Quarta é para trabalhar. Quinta é véspera de sexta, mas ainda dá. E depois vem a sexta sexy... O calendário do Didico funciona assim. Entro no carro já pensando na hora de voltar para casa. Se eu desenrolar tudo rápido e do jeito que me pedirem, talvez consiga fazer um bate-volta.

Naná, reforça o estoque de uísque e gelo! Trabalhar dá uma sede danada, e eu vou encostar aí com a minha galera. Meus amigos estão comigo desde a infância. Hermes, Jorginho, Geo e meu primo Rafael. Essa cambada não vale nada, cuidado com eles. Amo esses caras. Eles cuidam de mim, e eu cuido deles.

A gravação em São Paulo sai como o planejado. Peço para a produção me colocar no último voo do dia de volta para casa. Claro que dá tempo, ca-

ramba. Cancela o hotel e me arruma um carro pro aeroporto, faz favor. Me despeço da minha assessora. Ela tinha marcado jantar com um pessoal. Vai ter que ficar para a próxima. Já fiz o trabalho e agora quero voltar para o meu canto. Corro para Congonhas como se estivesse no gramado. Lançamento do meio-campo, disparo pela lateral direita, domino com a perna esquerda, a matadora, corto pra dentro da área e solto um tiro seco que deixa o goleiro só olhando pro canto. Golaço do menino Didico. Comemoro sentado no avião, poltrona 1A. Me espera que estou chegando!

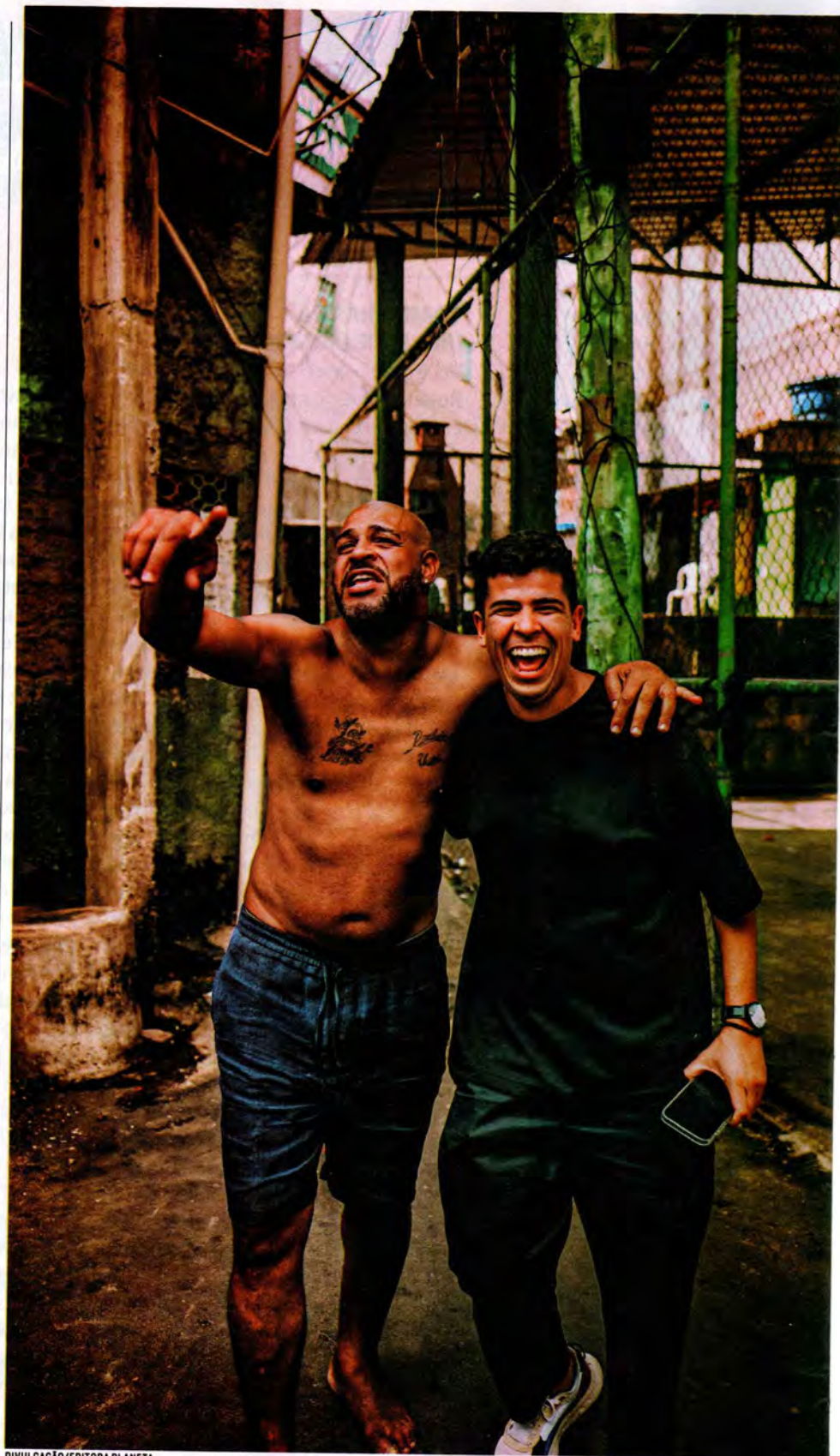
Pousamos no Santos Dumont. Vou direto do aeroporto para o meu quiosque preferido. Quando chego, a caixa de som imediatamente se conecta ao meu celular. Tá entendendo por que eu gosto de fazer as mesmas coisas? Ouço sempre as mesmas músicas. E bebo para ouvir melhor. Uma das minhas favoritas é esta aqui:

O que é, o que é? / Clara e salgada / Cabe em um olho / E pesa uma tonelada / Tem sabor de mar / Pode ser discreta / Inquilina da dor / Morada predileta

Vamos começar a noite com o meu poeta preferido, já que passei o dia na terra dele. A batida dos Racionais nem entrou ainda e os parceiros já começaram a aparecer. Geo, senta aqui do meu lado, cara. Pede um uísque pra nós, irmão.

Já me chamaram de alcoólatra algumas vezes. Não sou médico para saber se é verdade. Provavelmente você também não seja. O que posso te dizer é que gosto, sim, de um danone, como falo sempre que estou com o meu irmão alagoano, Aloísio Chulapa. Que presente ter esse cara na minha vida. Quando junta os dois, esquece. Cai até o desemprego na Escócia.

DIVULGAÇÃO/EDITORA PLANETA

Confiança: Adriano com o jornalista Ulisses Neto, autor do livro

Copo alto, muito gelo, metade de uísque barato e um pouco de guaraná zero. É assim que eu gosto. Sou um homem simples, sem frescuras. Não preciso de muito para ficar feliz. Mas algumas dores, cara, não passam assim tão fácil. É difícil lidar com tudo que enfrentei, e confesso que até hoje não aprendi a superar certas situações. Será que um dia vou aprender?

"Adriano larga milhões e volta para a favela." Lembro dessa manchete como se fosse ontem. Dou risada. Quem te falou que um dia eu saí de dentro da Vila Cruzeiro, cara? Nunquinha. Deixa eu te contar uma coisa. Minha mãe, a pessoa mais importante da minha vida, nasceu em João Pessoa. Com um mês de idade, ela subiu na caçamba de um caminhão, no colo da minha avó, lá na Paraíba. Eram as duas, o meu avô e mais três filhos. A família toda ao lado de outras tantas pessoas. O destino: Rio de Janeiro. E a última parada não era a Barra da Tijuca, não, amigo. Era a Vila Cruzeiro. Zona da Leopoldina.

Quando eles chegaram, a família do meu pai já estava lá há tempos. Podemos dizer que o meu avô por parte de pai, o velho senhor Miro, era praticamente fundador daquela comunidade. O filho dele, Mirim ou Mirinho, meu pai, nascido e criado lá dentro, conquistou reputação. Era respeitado por todos, inclusive pelos bandidos. Minha história naquela favela é quase tão antiga quanto a igreja da Penha. Foi lá que tudo começou, e é para lá que eu volto quando estou feliz, quando estou triste, quando quero ficar perto dos meus, ou quando preciso pensar na vida. Não é uma questão de escolha: é o único caminho que consigo percorrer sem errar. E, cá entre a gente, não estou nem um pouco preocupado com o que acham disso.

Você já me viu jogando futebol? Podemos dizer que eu era um tanque. Dentro da área não tinha jeito. Mãozada na cara do zagueiro, "sai pra lá, merda", empurra lá, deita pra cá, e quando a bola caía na perna esquerda... Esquece. Não tem como. Papai do céu abençoe, mais um gol pro time do Didico. Ninguém me segurava. A minha vida funciona até hoje desse mesmo jeito. Não me controlam. Faço o que quero e tenho que fazer do meu jeito. Não há dinheiro, mulher, empresário, muito menos comentarista de televisão que vai meter o bedelho na minha vida. Pago um preço alto por isso todos os dias.

[...]

CÁLICE AMARGO

Meu pai morreu na cama nova dele. Sozinho. Vítima de um enfarte, fomos saber tempos depois por causa da perícia. Ele tinha 44 anos. Naquela semana, meu pai não voltou da farra para descansar na casa da minha mãe. Não apareceu na segunda-feira. Não ligou na terça. Eu tinha mandado o dinheiro dele para a conta da Dona Rosilda. Era ela quem cuidava, que cuida até hoje, das nossas finanças.

Minha mãe entregava para ele em mãos. Meu pai não deu as caras como costumava fazer, e ela decidiu ir atrás dele.

Ela e a minha tia Meire foram buscar o Thiago na escola e na volta passaram no apartamento do Recreio. O porteiro disse que não tinha visto o Miro chegar. Minha mãe subiu. Tocou a campainha. Bateu na porta. Nada. Ligou no celular dele de novo e ouviu tocar do lado de dentro. Foi assim que ela decidiu acionar o chaveiro.

Ela sentiu que algo de muito errado tinha acontecido. Fora que, uns dias antes, um irmão da igreja veio até ela e disse: "A irmã vai tomar um cálice amargo, mas fique em paz. É para uma obra". Isso minha mãe me contou depois. O cálice amargo era a morte do meu pai. Quando percebeu que o Mirim estava morto, a Dona Rosilda tentou procurar ajuda, mas já era tarde. E foi de lá mesmo que ela me ligou. Minha mãe estava em frente ao corpo do meu pai, em um apartamento no Recreio dos Bandeirantes. Eu estava do outro lado do oceano, dentro de um ônibus em Bari. Ainda em choque, desliguei o telefone. Eu não chorei no primeiro instante. Senti raiva. Por que ele não tomou a porra do remédio? Dei um murro na janela do ônibus.

Foi tão forte que estourou o vidro. Todos se assustaram. O Zanetti estava sentado na minha frente.

Ele subiu na poltrona se virando para mim e perguntou: "Adri, o que foi isso?". "Meu pai morreu, cara. Meu pai morreu." Foi tudo que eu consegui dizer. Meus companheiros foram muito solidários. Me cercaram. Todos foram me abraçar. Me deram as condolências. Alguns choraram. Eu estava paralisado. Como assim meu pai tinha morrido? No apartamento que eu comprei para ele. Sozinho? Que merda toda era aquela?

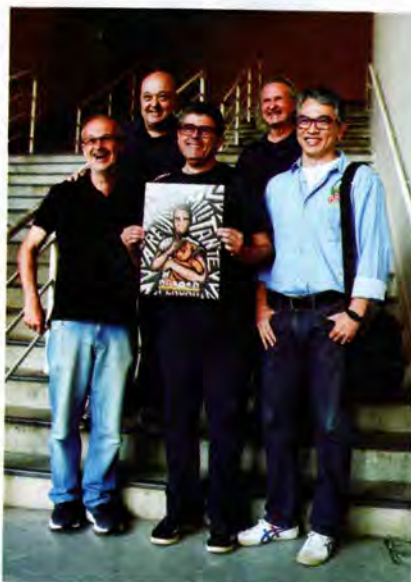
Eu sou chorão mesmo, mas naquele momento foi ainda mais profundo. Fiquei apavorado. Minha cabeça girava. Tudo parecia estar em câmera lenta em volta de mim. Eu não entendia as palavras da minha mãe. "Meu filho, seu pai se foi." Foi para onde? Acorda ele, caralho. Porra, negão. Não gosto nem de lembrar desse dia. Foi muito pesado. ■

Adriano: meu medo maior
Adriano Imperador,
escrito por Ulisses Neto,
Editora Planeta, 504 páginas,
R$ 99,90 (planetadelivros.com.br)

QUEM DISSE QUE ERA APENAS FUTEBOL?

DOCUMENTÁRIO MOSTRA COMO A REVISTA PLACAR, LANÇADA EM 1970, AJUDOU A MOLDAR A HISTÓRIA DO COTIDIANO BRASILEIRO – E FOI MOLDADA POR ELE

Por: Fabio Altman*

Sérgio Xavier, Ricardo Corrêa, Marcelo Duarte, Alexandre Battibugli e Alfredo Ogawa: guardiões do legado do PLACAR

MARCOS RIBOLLI

Não é como contar o fim do filme, em postura desmancha-prazeres, nada de spoiler, então aí vai: são de rir e chorar de emoção os 2 minutos de Pelé ao término do documentário ***PLACAR – A Revista Militante***, que em breve será exibido pela TV Cultura e já cobiçado pelos canais de *streaming*. O ano é 2019. O rei, instado a gravar em vídeo uma frase a respeito do cinquentenário da mais longeva publicação de esportes do Brasil – "PLACAR, 50 anos de paixão pelo futebol" –, se atrapalha, erra as palavras. "Cinquenta anos de amor", diz, para então olhar para a câmera e completar: "Pus esse amor aí, valeu?". Tenta-se uma, duas, três vezes, até que o *slogan* saia direito – e então sobem os créditos.

É o casamento ideal, do maior de todos, o mito que morreria em dezembro de 2022, com o periódico que reinventou o jornalismo esportivo e fez da bola um planeta de amores e dissabores, de louvação aos gols e defesas, a glória de títulos, mas de permanente vigília com o que sempre andou no breu das tocas – daí o "militante" do título. O filme tem a direção geral de Ricardo Corrêa, um dos mais celebrados repórteres fotográficos de PLACAR, que começou a carreira como *office-boy*, para usar a expressão em voga até muito recentemente. A direção é de Sérgio Xavier Filho, ex-diretor de redação no início dos anos 2000. A direção de conteúdo é de Alfredo Ogawa, outro nome de peso da trajetória jornalística de um canto da imprensa sem medo de cutucar as onças com vara curta. A assistência de direção e de fotografia é de Alexandre Battibugli, ainda hoje pelas bandas de lá. A reunião de colegas de trabalho e amigos faria supor o tom chapa-branca, mas não. A *Revista Militante*, celebração de um tempo dourado do jornalismo, com doses de intenso romantismo, consegue rir de si mesma, dos exageros datados pelo tempo de pouca diversidade, da postura impávida de quem via a planície da torre de marfim.

O roteiro tem a clássica formatação de imagens de arquivos (os recortes de páginas, as capas, as fotografias de um acervo inigualável), costuradas com uma série de entrevistas afeitas a amarrar a narrativa. Um aviso: na condição de redator-chefe de PLACAR entre 2020 e 2022, no tempo da pandemia, sou um dos entrevistados – e por ter conhecido os bastidores da revista, desde criança, quando a colecionava, até ter o privilégio de tocá-la na companhia de extraordinários jornalistas, todos amantes de PLACAR, posso garantir: não se trata de louvação tola, olha só como se fez e se faz isso aqui. Não.

É uma pequena aula de história do Brasil, um bonito passeio pelo período de democratização, um mergulho nas malandragens que

*__Fabio Altman__ é ex-diretor de redação de PLACAR e atual diretor de redação da revista VEJA. Texto originalmente publicado no site Veja.com

PLACAR:
A Revista Militante
AMANDA FAVALI

manchavam o esporte em tempo de ópio do povo. PLACAR, lançada dois meses antes da Copa do Mundo de 1970, no México, no auge da ditadura, nasceu atrelada a seu tempo. Agora publicada pela Editora Score e não mais pela Editora Abril, de onde saiu em 2022, a revista sabe só conseguir manter relevância se souber conversar com o cotidiano – dos craques e das craques, sem dúvida, mas também das mudanças que atravessam o esporte, com o surgimento das SAF, as Sociedades Anônimas de Futebol, e a proliferação das casas de apostas, as *bets* que tanto ruído provocam. O mérito do documentário é iluminar as primeiras pedras da estrada. Dito de outro modo: como PLACAR virou marca tão relevante?

A resposta: permanente coerência, e os depoimentos de seu mais simbólico diretor de redação, Juca Kfouri, são comprovação dessa postura. Pode-se assistir ao longa (1 hora e 40 minutos de duração) como quem passeia pelas transformações do país. No início, a resistência aos quartéis, com destaque para reportagens com João Saldanha, o treinador do Botafogo e da seleção que nunca escondeu ser comunista de carteirinha. Destaca-se a campanha pelo "passe livre", liderada pelo meia Afonsinho, barbudo de uma época em que usar barba era como um cartaz de passeata. Depois, no início dos anos 1980, deu-se a bandeira desfraldada a favor das Diretas Já e da Democracia Corinthiana, o movimento liderado por Sócrates e Casagrande – Casagrande, aliás, que atravessa as tomadas do documentário com um ponto de vista interessante e inédito, o do jogador que via a si mesmo e a seus colegas nas páginas impressas, sabendo, sim, ter participado de uma movimentação política e cultural.

MARCOS RIBOLLI

Emoção: Casagrande exaltou sua relação com PLACAR após depoimento final de Pelé

Há espaço para os gênios da bola, como Pelé, claro, e Zico. Há terreno para os bastidores de uma das mais rumorosas reportagens de investigação e denúncia, a da máfia da loteria esportiva, de 1982. Há janela para um *mea culpa* sincero em torno da postura machista e misógina – coerente com os machistas e misóginos anos 1990 – com que tratava as mulheres que orbitavam o universo do futebol. Tudo somado, *Placar – A Revista Militante* é filme necessário. É jornalismo e história no avesso da velocidade efêmera das redes sociais de hoje, tempo em que o jornalismo anda perigosamente refém da lógica dos cliques a qualquer custo.

ANTONIO MILENA

A produção, de edição precisa, como "a elegância sutil de Bobô", para usar um trecho da conhecida canção de Caetano, faz pensar. Nas palavras do jornalista Carlos Maranhão, em um dos textos publicados na edição especial de PLACAR para celebrar os 50 anos, em 2020, ao descrever o ambiente da redação nos primórdios: "Ah, sim. A zona, as bagunças, as cantorias e o futebol com bolas feitas de laudas – que desapareceram junto com as máquinas de escrever e o telex – foram sumindo devagarzinho, sem que PLACAR perdesse o fundamental: a alma apaixonada que a trouxe até aqui". ■

"É UMA PEQUENA AULA DE HISTÓRIA DO BRASIL, UM BONITO PASSEIO PELO PERÍODO DE DEMOCRATIZAÇÃO, UM MERGULHO NAS MALANDRAGENS QUE MANCHAVAM O ESPORTE EM TEMPO DE ÓPIO DO POVO."

UM 'CARTOLA FC' SÓ COM OS MELHORES

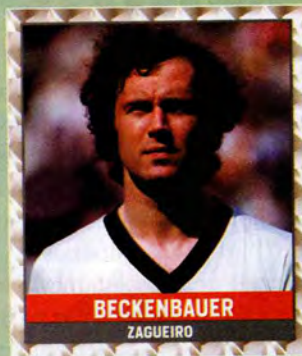
EX-JOGADOR E HÁ 17 ANOS COMENTARISTA DO GRUPO GLOBO MESCLA LENDAS DO FUTEBOL E REFERÊNCIAS DA CARREIRA: "ESSE TIME FARIA 200 PONTOS EM TODA RODADA"

TAFFAREL
GOLEIRO

A história dele na seleção brasileira é o que me faz ficar com essa escolha. É um grande ídolo da história do nosso futebol

CAFU
LATERAL-DIREITO

Um vencedor na carreira e na vida. Uma referência para todos nós. Também foi muito importante no meu início de carreira

BECKENBAUER
ZAGUEIRO

Um dos grandes zagueiros da história do futebol. Campeão como jogador, como treinador, depois foi dirigente

MALDINI
ZAGUEIRO

No Milan, compôs uma defesa que era intransponível. Jogou com uma camisa só, tem respeito e admiração de todos

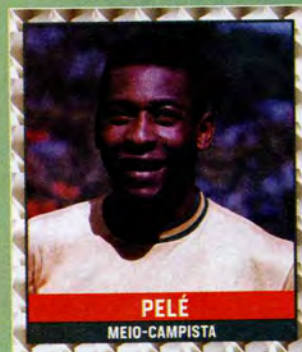
ROBERTO CARLOS
LATERAL-ESQUERDO

Outro grande amigo do futebol. Joguei com ele na seleção brasileira e na Inter de Milão. Carreira quase irretocável

FALCÃO
MEIO-CAMPISTA

Tenho apreço pelos jogadores modernos, mas não posso abrir mão da classe do Rei de Roma. Realmente, era fantástico

MARADONA
MEIO-CAMPISTA

Craque de bola e que significa muito para o Napoli, time em que tive a felicidade de jogar e viver a história entre 1996/97

PELÉ
MEIO-CAMPISTA

Simplesmente, o maior jogador de todos os tempos. Alguém que mesmo quem não viu o idolatra por tudo que fez em campo

MESSI
MEIO-CAMPISTA

Depois do Pelé, é o maior de todos os tempos. É talento puro, nasceu com o dom de jogar futebol e tem a qualidade como principal recurso

RONALDO
ATACANTE

Foi o maior atacante de todos os tempos. Tinha força, técnica, tudo que um atacante precisa ter. Foi "fenômeno" mesmo

CRISTIANO RONALDO
ATACANTE

Exemplo de foco na carreira. Não significa que não tenha talento. Reinventou-se e virou um quebrador de recordes

TELÊ SANTANA
TÉCNICO

Melhorei muito como jogador e como pessoa ao trabalhar com o mestre no São Paulo Em termos de conceitos de futebol, ele foi imbatível

FELIPE MOTTA

ENTRE DEVANEIOS E FANTASMAS

"Diante das lesões e do cenário nebuloso, fica impossível projetar o que será dele. Então o que ganhamos? Diria que ao menos esperança"

É, amigas e amigos, o que há alguns meses seria devaneio de um biruta virou realidade. Neymar está de volta! No caos de lesões e agito na vida pessoal, o craque decidiu reencontrar a paz e, tomara, o bom futebol no Santos. Nesse movimento, ganhamos todos nós!

Mas o que esperar? É absolutamente impossível imaginar o que vai ser de Neymar no Brasil. Dúvidas sobre seu futebol? Jamais! Neymar é ET que por algumas escolhas que tomou fez com que muitos esquecessem do que é capaz. Mas, diante das lesões e do cenário nebuloso, fica impossível projetar o que será dele.

Então o que ganhamos? Diria que ao menos esperança. De vê-lo jogar com alguma sequência diante de nossos olhos, de recuperar o melhor futebol que pode jogar aos 33 anos e ainda de poder ajudar a seleção na próxima Copa.

Tenho uma visão particular sobre atletas de alto nível. O que fazem fora de seus ambientes de trabalho (campo/quadra/ringue) pouco me importa, desde que não seja algo ilegal, criminoso. Cada um tem o direito de ser feliz como lhe convém, gostemos ou não.

Mas admito que quando olho Neymar fico sempre com a sensação de que tudo poderia ser maior. Ele é absurdo, dono de um talento incalculável. Teve lesões que o minaram, sempre próximo às Copas, e impactaram uma carreira já grandiosa. De tudo o que viveu, o que mais ocupa dúvidas em minha cabeça é sua ida para o PSG. Ver Neymar vestido com o uniforme do Barça é ter a constante ideia de que seu melhor "frame" foi com 25 anos. O que fez no PSG não foi pouco, mas menos do que teria sido em outros lugares. Como disse, suas escolhas pessoais não cabem a mim, nem a ninguém. Mas podemos lamentar, por que não?

Insuficiente: o grito contra a Croácia que não sai de nossas cabeças

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Na seleção, muitos minimizam o que fez. Sabemos que nesse país só vale ganhar a Copa do Mundo, e Neymar não será o primeiro a carregar o peso caso isso realmente não aconteça (até por isso, o fantasma do gol da Croácia logo após o tento de gênio no Catar me atormenta até hoje). Mas é inegável: Neymar foi quem menos bebeu de seleções com talentos individuais entre "iguais". Dê a ele apenas um entre Fenômeno-Rivaldo-Ronaldinho e veja o que acontece.

Mas falar sobre esse cenário é transitar por um sonho. Então, foquemos no sonho que o santista não ousou sonhar. Neymar está de volta. Qual seria o cenário mais favorável? Ele comer a bola novamente e em seis meses escolher qualquer lugar do mundo para jogar. Você acredita nisso? Eu acredito no bom futebol, não no mercado aberto por isso.

Ainda assim, Neymar pode entrar em condições ideais, brilhar e encher estádios para festa de milhões. E aí reside certa dualidade. A ideia inicial é ficar só seis meses no Brasil. Se arrebentar, vaza no meio do ano. Mas e se for apenas OK (o jeito OK Neymar de ser, que já é algo diferente)? Se jogar bem, mas não conseguir se mostrar 100% recuperado, arrumar um mercado rico e competitivo pode não ser fácil. Lembrem-se: o projeto Al-Hilal foi um dos maiores investimentos em um jogador, que entrou em campo apenas sete vezes. Quem estaria disposto a correr esse risco?

A passagem do brasileiro pela Arábia Saudita não aconteceu. E o que restou? Buscar conforto e paz em um dos lugares mais especiais da sua vida. Sorte dele e de todos nós que poderemos assisti-lo de perto novamente.

Por isso, o santista tem de aproveitar os próximos seis meses, sonhando (aí, sim, um sonho possível) em que esse período seja estendido. Para Neymar, ser feliz no Santos tem como bônus a Copa de 2026. Se existe um motivo para Neymar resgatar a motivação, é provar que ainda pode estar entre os melhores. Só vejo o Mundial do ano que vem como opção. Para espantar o fantasma da Croácia que até hoje não sai da minha cabeça. Já saiu da sua? ■

Felipe Motta é jornalista, apresentador dos canais ESPN